



EU REZO, EU SOU BENZEDEIRA:
religiosidades e o ofício das benzedadeiras
Lurdinha Santos, Dira Santana e Lúdia
Conceição nas comunidades quilombolas
de Lagedo de Pau D'Arco e Lagedo de
Eurípedes, Lapão-BA

Fotografias de João Machado

Luciana Vilela Dourado Matos
Igor Rebouças Santana

EU REZO, EU SOU BENZEDEIRA: religiosidades e o ofício das benzedeiras Lurdinha Santos, Dira Santana e Lídia Conceição nas comunidades quilombolas de Lagedo de Pau D'Arco e Lagedo de Eurípedes, Lapão-BA



**EU REZO, EU SOU BENZEDEIRA: religiosidades e o ofício
das benzedeiras Lurdinha Santos, Dira Santana e Lídia
Conceição nas comunidades quilombolas de Lagedo de
Pau D'Arco e Lagedo de Eurípedes, Lapão-BA**

Fotografias de João Machado

**Luciana Vilela Dourado Matos
Igor Rebouças Santana**

Ibicaraí / Bahia, 2025.

Copyright © 2025, Luciana Vilela Dourado Matos; Igor Rebouças Santana.

Todos os direitos desta edição reservados à

VIA LITTERARUM EDITORA

Rua Frederico Maron, 299 – Térreo – Centro – Ibicarai – Bahia, Brasil – 45745-000

CNPJ: 06.268.459/0001-57

vialetras@gmail.com | www.viaeditora.com.br

Revisão: Heber Torres

Diagramação: Lucas Barreto.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Matos, Luciana Vilela Dourado

Eu rezo, eu sou benzedeira : religiosidades e o
ofício das benzedadeiras Lurdinha Santos, Dira Santana
e Lídia Conceição nas comunidades quilombolas de
Lagedo de Pau D'Arco e Lagedo de Eurípedes,
Lapão-BA / Luciana Vilela Dourado Matos, Igor
Rebouças Santana ; fotografias de João Machado. --
Ibicaraí, BA : Via Litterarum, 2025.

Bibliografia.

ISBN 978-85-8151-304-1

1. Bênção 2. Comunidades quilombolas
3. Curandeiras 4. Fé 5. Religiosidade I. Santana,
Igor Rebouças. II. Machado, João. III. Título.

25-283966

CDD-398.092

Índices para catálogo sistemático:

1. Curandeiras : Medicina popular :
Histórias de vida 398.092

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Meu Rosário

Meu rosário é feito de contas negras e mágicas.
Nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum
e falo padres-nossos, ave-marias.
Do meu rosário eu ouço os longínquos batuques
do meu povo
e encontro na memória mal adormecida
as rezas dos meses de maio de minha infância.
As coroações da Senhora, em que as meninas negras,
apesar do desejo de coroar a Rainha,
tinham de se contentar em ficar ao pé do altar lançando flores.
As contas do meu rosário fizeram calos nas minhas mãos,
pois são contas do trabalho na terra, nas fábricas, nas casas
nas escolas, nas ruas, no mundo.
As contas do meu rosário são contas vivas.
(Alguém disse um dia que a vida é uma oração,
eu diria, porém que há vidas-blasfemas).
Nas contas de meu rosário eu teço intumescidos
sonhos de esperanças.

Nas contas do meu rosário eu vejo rostos escondidos
por visíveis e invisíveis grades
e embalo a dor da luta perdida nas contas do meu rosário.
Nas contas de meu rosário eu canto, eu grito, eu calo.
Do meu rosário eu sinto o borbulhar da fome
no estômago, no coração e nas cabeças vazias.
Quando debulho as contas de meu rosário,
eu falo de mim mesma um outro nome...
E sonho nas contas de meu rosário lugares, pessoas,
vidas que pouco a pouco descubro reais.
Vou e volto por entre as contas de meu rosário,
que são pedras marcando-me o corpo-caminho.
E neste andar de contas-pedras,
o meu rosário se transmuda em tinta,
me guia o dedo,
me insinua a poesia.
E depois de macerar conta por conto do meu rosário,
me acho aqui, eu mesma,
e descubro que ainda me chamo Maria.

Conceição Evaristo - *Poemas da recordação e outros movimentos.*

A Makota Valdina, em memória, por sua luta contra o racismo
e a intolerância religiosa no Brasil.

Às benzedeadas Lídia Conceição, Lurdinha Santos e Dira Santana,
reverenciamos com respeito e admiração.

A Jolmaci Araújo Barreto de Souza, mulher negra, quilombola, educadora
e liderança feminina de Lagedo de Eurípedes.

Aos alunos e alunas do Colégio Estadual do Campo de Aguada Nova,
nosso reconhecimento e incentivo.

Acreditamos na educação!

SUMÁRIO

Agradecimentos	9
Apresentação	11
Introdução	12
Etnobiologia e a cultura do benzimento	15
Entre fé e tradição: formação de Lagedo de Pau D'Arco, comunidade quilombola do município de Lapão-BA	17
Entre lajedos e história: formação de Lagedo de Eurípedes, comunidade quilombola do município de Lapão-BA	28
A trajetória da benzedeira Lurdinha Santos na comunidade quilombola de Lagedo de Pau D'Arco, Lapão-BA	36
A trajetória da benzedeira Dira Santana na comunidade quilombola de Lagedo de Pau D'Arco, Lapão-BA	56
A trajetória da benzedeira Lídia Conceição na comunidade quilombola de Lagedo de Eurípedes, Lapão-BA	75
Fotografias e legendas	95
Anexo: Plano de aula.....	102
Referências.....	105

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às benzedeadas Lídia Conceição, Lurdinha Santos e Dira Santana por compartilharem suas histórias conosco e por nos acolherem em suas casas para conversas e entrevistas. Estendemos nossos sinceros agradecimentos a seus familiares e companheiros.

Aos alunos e alunas que participaram desta pesquisa e dos Projetos Estruturantes AVE (Artes Visuais Estudantis) e EPA (Educação Patrimonial e Artística) nos anos de 2022 e 2023, cujas contribuições foram essenciais para a criação deste livro: Laura Rodrigues, Amanda Borges, Êmile Nascimento, Stefani Oliveira, Jamile Gonzaga, Guilherme Guirra, Iasmim Alcântara, Geovana Oliveira, Michelle Alves, Artur Matos e João Henrique Cavalcante.

À gestão do Colégio Estadual do Campo de Aguada Nova, representada por Carlos Adolfo Stolze de Oliveira e Daniela Cavalcante Gaspar da Silva; ao coordenador pedagógico José Cardoso Barreto; aos professores Lucas Barreto, Luaclara Vieira, Elizabete Vilela, Samara Menezes, Jerry Machado, Samarina Gonçalves, Nayara Perazzo, Mozar Primo, Fernanda Rocha, Robson Oliveira, Maria Daniela Matos e Lucas Silva; todos os funcionários e colegas de trabalho, representados por Erivelto Mendes de Souza. Nosso agradecimento se estende à ex-diretora Cláudia Consuelo Carvalho Dourado e aos ex-professores da unidade escolar Jovina Ferreira, Luciane Diniz, Érica Oliveira, Mariana Gaspar, Emanuella Filgueira, Heber Torres, Thauan Santos e Édipo Marques.

Aos moradores das comunidades quilombolas de Lagedo de Pau D'Arco e Lagedo de Eurípedes: Valdete Neves de Souza, Nailde Rosa dos Santos, Ceci Maria dos Santos, Daniel Joaquim da Silva, Ivanilde de Souza Santos, Rosileide Conceição, Valdemar Alves de Oliveira, Francisco Pereira Guedes, Ana Ramos Guedes, Janete Souza Guedes, Paula Souza e Maria Graciete Souza.

Agradecemos às Secretarias Estaduais de Educação (SEC) e de Promoção da Igualdade Racial e dos Povos e Comunidades Tradicionais (SEPROMI) do Governo do Estado da Bahia pela oportunidade proporcionada por meio do

Edital Makota Valdina, que contemplou e financiou nosso projeto escolar. Nosso reconhecimento também ao governador da Bahia, Jerônimo Rodrigues, e às secretárias Rowenna dos Santos Brito e Ângela Guimarães.

Ao NTE 01 (Núcleo Territorial de Educação de Irecê), representado pela diretora Dra. Fabrízia Pires de Oliveira e pela coordenadora pedagógica Denize Boaventura Gomes.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras (PPGEAFIN) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus XVI/Irecê-BA –, pela parceria, agradecemos à professora coordenadora Dra. Joceneide Cunha dos Santos, e aos professores Dr. Joabson Lima Figueiredo e Dr. Itamar Freitas de Oliveira.

À Prefeitura Municipal do Lapão e ao prefeito Márcio Messias, em especial pela parceria com a Secretaria de Educação e Cultura, representada por Greisimar Batista Dourado e Jolmaci Araújo Barreto de Souza.

Ao fotógrafo João Machado, pela criação das fotografias, e à assistente Camily Pedreira.

Ao produtor cultural e figurinista Joédson Gomes, por sua contribuição na promoção da cultura no município do Lapão, especialmente nas comunidades quilombolas.

Agradecemos a Daniel e Gilmário Pimenta por gentilmente permitirem a criação de fotografias das benzedei-ras junto a uma das barrigudas em suas terras, no Lagedo dos Pimentas, em Lapão-BA.

APRESENTAÇÃO

Abdias Nascimento, no livro *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*, evidencia a luta contínua das culturas negras contra a opressão e a discriminação desde os tempos coloniais até os dias atuais. Pesquisar, escrever e documentar, por meio das fotografias, as trajetórias das benzedadeiras Lurdinha Santos, Dira Santana e Lídia Conceição, são uma forma de evidenciar a resistência cultural de mulheres negras nas comunidades quilombolas de Lagedo de Pau D'Arco e Lagedo de Eurípedes, no município de Lapão, interior da Bahia.

Com base em pesquisa histórica, etnobotânica e fotográfica, apresentamos este livro como resultado do segundo concurso público Makota Valdina (2023), promovido pelas Secretarias Estaduais de Educação (SEC) e Promoção da Igualdade Racial e dos Povos e Comunidades Tradicionais (SEPROMI), do Governo do Estado da Bahia. O projeto escolar, desenvolvido pela professora de História Luciana Vilela Dourado Matos e pelo professor de Biologia Igor Rebouças Santana, foi selecionado para representar o Colégio Estadual do Campo de Aguada Nova, NTE 01.

Para a criação das fotografias que compõem este livro, foi selecionado o fotógrafo João Machado. Com vivências no sertão baiano e um olhar estético sensível às religiosidades do povo sertanejo, ele criou imagens que expressam a cultura do benzimento. São oito fotografias de cada benzedeira, apresentando suas identidades, suas casas e altares, seus quintais e ervas. No total, o livro reúne 27 fotografias, incluindo imagens das três benzedadeiras junto a uma barriguda.

Eis aqui a concretização de um projeto iniciado em 2022 no Colégio Estadual do Campo de Aguada Nova, resultado da aplicabilidade da Lei 10.639/23, que determina o ensino obrigatório de História e Cultura Afro-Brasileira, e dos Projetos Estruturantes AVE e EPA. Este livro se destina a discentes e docentes de toda a rede educacional estadual e municipal da Bahia, com atenção especial ao município de Lapão e às suas comunidades quilombolas.

INTRODUÇÃO

Esta vida está cheia de caminhos ocultos.

João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas.

O verbo benzer remete ao ato de abençoar e afastar o mal, tendo sua origem etimológica no latim *benedicere*, que significa dizer o bem e fazer o bem. No contexto de rituais religiosos, a benzeção consiste em um conjunto de práticas que combina rezas, a invocação de entidades espirituais e o uso de ervas, crucifixos e guias. Esses elementos, muitas vezes ligados a forças naturais, como água, plantas e pedras, visam a proporcionar proteção, equilíbrio e cura. Já o benzimento refere-se à aplicação concreta dessas práticas, conduzidas por benzedeadas e benzedores, que utilizam seus conhecimentos para restaurar a saúde física e espiritual.

As benzedeadas e os benzedores, como agentes de cura, exercem os benzimentos como forma de restabelecer o equilíbrio e o bem-estar. A ação de benzer é legitimada e reconhecida dentro de um grupo social, no qual se constrói seu significado e valor. O ofício de benzer não é uma simples escolha, mas o cumprimento de uma missão e a manifestação de um dom. Quem o exerce é reconhecido como mediador entre o sagrado e o profano. Por meio do poder da palavra, manifestado em rezas e orações, as forças do mundo sobrenatural são invocadas para garantir a normalidade da vida. Para o historiador Itamar da Silva Lima, no livro *Benzedeadas – fé e cura no sertão: relações entre ciências, espiritualidade e saúde*, “[...] o ato de receber a bênção envolve o ato de crer nos benzedores e benzedeadas e representa uma forma de acesso ao sagrado, funcionando como um rito de passagem entre o estado de doença e o de cura” (Silva, 2020, p. 15-16).

Para afastar o mal e receber a cura, é preciso acreditar, ter fé. Os benzedores e benzedeadas, por meio do ato de bendizer e fazer o bem, exercem sua missão como intermediários da cura. Entre aqueles que recorrem a esses agentes de cura, há o entendimento de que as enfermidades podem ter causas sobrenaturais, não sendo apenas disfunções orgânicas. O mau-olhado, a inveja, o quebranto e a ação de espíritos malignos são forças capazes de desestabilizar a vida cotidiana. Nesse sentido, conforme os pesquisadores Edimilson Pereira e Núbia Gomes, no livro *Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra*, “[...] a benzedeadas e o benzedor se destacam como agentes sociais que desempenham – no meio rural ou na periferia dos centros maiores – a função de mantenedores do equilíbrio do homem e do mundo” (Pereira, 2018, p. 15-16)

A ação de benzer é, acima de tudo, um ato de cuidado, pois envolve proteção, a aplicação de saberes e a fé na cura. Historicamente, as mulheres foram direcionadas para a prática do cuidado, seja no âmbito familiar, comunitário ou religioso. Por esse motivo, é mais comum encontrar benzedeiras, o que reflete o papel feminino na construção e transmissão de conhecimentos sobre as doenças e os tratamentos capazes de restaurar a saúde do corpo. Quando aprofundamos as pesquisas sobre o tema na história do Brasil, desde os tempos coloniais até os dias atuais, percebemos que há uma transmissão de saberes e fazeres entre gerações de benzedeiras, curandeiras e parteiras. Como bem aponta a historiadora Mary Del Priore no capítulo *Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino* no livro *História das Mulheres no Brasil*, diante de tabus e das perseguições da ciência médica ao corpo feminino, as mulheres indígenas, portuguesas e africanas desenvolveram um “[...] saber-fazer autêntico sobre as doenças e curas” (Del Priore, 2022, p. 82) e, assim, foram capazes de construir conhecimentos para o cuidado do próprio corpo e do corpo do outro.

As benzedeiras mantêm viva a tradição ancestral da cura e do sagrado. Este livro traz as trajetórias de três benzedeiras que perpetuam esse legado: Lurdinha Santos, Dira Santana e Lídia Conceição. Elas vivem e atuam nas comunidades quilombolas de Lagedo de Pau D’Arco e Lagedo de Eurípedes, no município de Lapão, interior da Bahia, territórios oficialmente reconhecidos pela Fundação Cultural Palmares em 2011. Mulheres negras e ex-trabalhadoras rurais, elas assumiram a missão de benzer como forma de cuidar e fortalecer suas comunidades. A afirmação de Dira Santana: “Eu rezo, eu sou benzedeira” (informação verbal, 2022), sintetiza o orgulho e a resistência que permeiam esse ofício, historicamente associado à cultura afro-brasileira e frequentemente marginalizado.

Para Lurdinha Santos, Dira Santana e Lídia Conceição, o sagrado se manifesta nas práticas religiosas do Candomblé, do Catolicismo e da Umbanda. Em seus lares, que se tornaram espaços de acolhimento, elas recebem aqueles que buscam alívio espiritual, oferecendo benzimentos, rezas, indicando chás e unguentos. Suas práticas não apenas proporcionam conforto e cura, mas também representam uma estratégia de resistência e pertencimento cultural no sertão. São mulheres negras, mães, ex-trabalhadoras rurais, outrora parteiras, protagonistas de suas próprias histórias. Como destacou Lídia Conceição: “Tenho orgulho de ser benzedeira, foi um dom que Deus me deu. Todo dia eu agradeço a Deus” (informação verbal, 2024). Suas experiências religiosas são marcadas pela ancestralidade negra, vivenciadas no contexto das comunidades quilombolas sertanejas.

Como parte da composição das trajetórias das benzedadeiras Lurdinha Santos, Dira Santana e Lídia Conceição, o fotógrafo João Machado criou uma série de imagens que narram suas histórias por meio da fotografia. Não são simples registros visuais. As fotografias tornam-se narrativas sensíveis que capturam expressões, gestos e símbolos, revelando não apenas as benzedadeiras em ação, mas também os espaços que habitam: seus lares, seus quintais e altares. As imagens destacam o cotidiano, os rituais e as práticas de benzedura, permitindo que a tradição seja percebida num contexto real. O trabalho fotográfico, aliado aos textos que compõem este livro, contribui para a construção de uma memória coletiva e para o reconhecimento dessas mulheres negras como figuras centrais na preservação do patrimônio imaterial das comunidades quilombolas de Lagedo de Pau D'Arco e Lagedo de Eurípedes, no município de Lapão-BA.

Este livro também aborda as formações históricas dos povoados de Lagedo de Pau D'Arco e Lagedo de Eurípedes. A partir de entrevistas com moradores dessas comunidades quilombolas, analisamos aspectos fundamentais de sua estruturação, incluindo os processos de ocupação e migração, a identificação dos primeiros habitantes, a organização do trabalho e as estratégias de sobrevivência no semiárido baiano. Além disso, exploramos as manifestações religiosas e a relevância sociocultural dos curadores, benzedadeiras, rezadores e parteiras. A reflexão sobre a história e a cultura dessas comunidades rurais negras permitiu compreender o pertencimento social das benzedadeiras Lurdinha Santos, Dira Santana e Lídia Conceição, considerando suas origens familiares, seus modos de vida, suas referências religiosas e suas relações com o território. Ao registrar essas histórias e vivências, esta obra contribui para a preservação de um patrimônio imaterial do município de Lapão: a cultura do benzimento.

Inventariar a cultura material e imaterial no município de Lapão é essencial para o reconhecimento, a preservação e a proteção de tradições valiosas, especialmente aquelas enraizadas na história do povo negro. A história social e cultural de Lapão se materializa — isto é, ganha forma e visibilidade — por meio da existência de suas catorze comunidades quilombolas: Lagoa do Gaudêncio, Lagedo do Pau D'Arco, Lagoa dos Patos, Irecezinho, Salgada, Lagedo de Eurípedes, Lageado II, Largo, Gonzaga, Casal I e II, Babilônia, Lagedinho, Macambira e Volta Grande. A presença do povo negro é um traço marcante da história lapoense, evidenciado não apenas pela formação de seus povoados, mas também pelas heranças culturais e religiosas de matriz africana.

ETNOBIOLOGIA E A CULTURA DO BENZIMENTO

O benzimento é uma manifestação cultural presente em diversas comunidades no Brasil, frequentemente está associado ao uso de plantas e ao conhecimento tradicional sobre suas propriedades medicinais. Nesse contexto, a Etnobiologia e a Etnobotânica oferecem ferramentas valiosas para compreender e estudar essa prática. As benzedeadas Lurdinha Santos, Dira Santana e Lídia Conceição utilizam ervas para curar males do corpo e da alma, um uso de plantas medicinais diretamente ligado ao campo da Etnobotânica.

A Etnobiologia estuda as interações entre os seres humanos e seu ambiente, incluindo o conhecimento tradicional sobre plantas, animais e ecossistemas. Já a Etnobotânica se concentra especificamente no conhecimento das plantas pelas diferentes culturas humanas, analisando como os povos as utilizam para alimentação, medicina, rituais religiosos, construção e outros aspectos da vida cotidiana. Esse campo interdisciplinar abrange aspectos da Botânica, Antropologia, História, Medicina e Farmacologia, entre outros.

O benzimento envolve o uso de plantas específicas, rezas e gestos simbólicos para afastar males, proteger pessoas e promover a saúde física e espiritual. Seus rituais variam de acordo com a cultura e a região. Geralmente, envolvem a combinação de plantas sagradas, rezas específicas e gestos simbólicos. Cada gesto, objeto e reza empregados por elas simbolizam a manifestação do sagrado em prol da melhora daqueles que buscam sua ajuda. Por sua vez, aqueles que recebem as bênçãos também demonstram uma fé e confiança significativas no ritual realizado. As benzedeadas Lurdinha Santos, Dira Santana e Lídia Conceição acreditam que essa prática ajuda a equilibrar as energias, promover a cura e proteger contra influências negativas. Porém, não basta ser benzido ou seguir suas recomendações, tem que acreditar, a fé é o principal elemento promotor da cura.

A coexistência de práticas religiosas do Candomblé, Catolicismo e Umbanda, que frequentemente envolvem elementos naturais como ervas e plantas sagradas, exemplifica como sistemas de conhecimento tradicionais integram a espiritualidade e o meio ambiente. As plantas desempenham papéis cruciais em práticas culturais e espirituais, servindo como um elo entre o ser humano e a natureza, e evidenciando a sabedoria tradicional e a importância de preservar esse conhecimento ancestral. Essas práticas vão além da medicina convencional,

abrangendo também aspectos culturais e espirituais, refletindo as ricas interações entre seres humanos e o mundo vegetal.

Para identificar as plantas usadas no benzimento, criamos exsiccatas, amostras secas de plantas prensadas em papel. Isso nos permitiu catalogar as plantas cultivadas e utilizadas pelas benzedeiras em suas residências, identificando seus nomes populares e características principais. Essa etapa foi crucial para preservar os conhecimentos tradicionais e garantir uma abordagem taxonômica precisa. Consultar especialistas e fontes confiáveis foram fundamentais para a pesquisa. Para projetos futuros, é urgente planejar ações de conservação dessas espécies devido ao alto valor cultural e uso fitoterápico nas comunidades quilombolas do sertão baiano.

O estudo das práticas das benzedeiras nas comunidades quilombolas de Lagedo de Eurípedes e Lagedo de Pau D'Arco, no município de Lapão-BA, oferece uma rica fonte de dados para a Etnobiologia, ilustrando a relação íntima entre as pessoas e seu ambiente natural. Essas práticas não apenas preservam a biodiversidade local por meio do uso sustentável de plantas medicinais, mas também mantêm vivos os conhecimentos ancestrais essenciais para a identidade e a sobrevivência cultural afro-brasileira. O estudo das trajetórias das benzedeiras Lurdinha Santos, Dira Santana e Lídia Conceição enriquece a compreensão etnobiológica e destaca a necessidade de valorizar e proteger tradições culturais e ambientais únicas.

ENTRE FÉ E TRADIÇÃO: FORMAÇÃO DE LAGEDO DE PAU D'ARCO, COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MUNICÍPIO DE LAPÃO-BA

Conforme relatado pelo memorialista Jackson Rubem, no livro *Lapão, Cem Anos de História*, o povoado de Lagedo de Pau D'Arco, localizado no município de Lapão, interior da Bahia, foi formado em 1932, durante uma das mais severas secas que assolaram a região. Segundo o autor, a migração de pessoas para o local foi motivada pela descoberta “de uma lagoa que permanecia cheia de um ano para o outro”. Os primeiros moradores, inicialmente, “[...] habitaram embaixo de um pé de surucucu, depois fizeram casas de enchimento” (Santos, 2010, p. 401).

O nome Lagedo de Pau D'Arco é uma combinação que alude a dois aspectos marcantes do local. Primeiro, às formações geológicas chamadas lajedos, extensões de rochas expostas e resistentes à erosão. Segundo, à presença significativa de árvores de pau d'arco, que outrora faziam parte da vegetação predominante. De acordo com Jackson Rubem, a abundância dessas árvores centenárias conferiu o nome ao povoado: “O povoado ganhou esse nome em função da vegetação do lugar, onde havia grande quantidade de pau d'arco centenários. As árvores foram derrubadas e sua madeira usada para linha de casas, ripões, porta, carro de boi e tabuados para motor de descaroçar algodão” (Santos, 2010, p. 402). Entretanto, o desmatamento levou à extinção dessa espécie no local.

Reconhecida oficialmente como comunidade quilombola pela Fundação Cultural Palmares em 2011, Lagedo de Pau D'Arco possui uma rica história cultural e social. Para compreender melhor suas origens e práticas, foram entrevistados moradores mais velhos, incluindo Valdete Souza, Nailde Santos, Daniel Silva, Ivanilde Santos e Ceci Santos. Apesar de não conhecerem o ano de fundação do povoado, os entrevistados narraram aspectos marcantes de sua formação. Entre os relatos, destacaram-se os desafios enfrentados pelos primeiros habitantes na adaptação ao local, os rituais religiosos e festividades que consolidaram a identidade comunitária, além de práticas culturais tradicionais, como os atendimentos de parteiras, rezadores e benzedeiros.

Valdete Neves de Souza, aos 90 anos, conhecida como Dona Detinha, resgatou lembranças marcantes sobre a história de Lagedo de Pau D'Arco. Em seu relato, destacou que uma área onde atualmente se encontra uma praça era, no passado, rica em braúnas e aroeiras, árvores características da caatinga. No entanto,

ao chegar ao povoado, as árvores de pau d'arco, que deram nome ao lugar, já haviam desaparecido. Também relembrou dos primeiros moradores da região, mencionando nomes como Antônia Rosa de Jesus, Alípio Joaquim da Silva, Olegário Marques de Souza, seu sogro, e Deraldo José de Souza.

A história pessoal de Valdete Souza também se entrelaça com a história de Lagedo de Pau D'Arco. Em 1959, ela se casou com Adonias Marques de Souza e passou a residir no povoado. Antes disso, vivia em Lagoa dos Patos, outra comunidade rural.

Aqui nessa praça só tinha umas cinco casas. Os primeiros moradores eram Dona Antônia, que era parteira, foi ela que pegou meus filhos tudo. Eu tive seis filhos. Dona Antônia era a mulher de Alipão. Alipão foi um dos primeiros moradores. Ele veio da África. Alipão era um homem negro. Alipão era avó de Bebê. Ele era curador. Ele ia muito na casa de meu pai em Lagoa dos Patos. Alipão era curador. A primeira mulher dele eu não conheci. Depois ele casou com Antônia. Era Antônia que pegava os filhos de todo mundo aqui. Eu casei com o filho de Olegário que era um dos primeiros moradores daqui. Ele morava aqui no verde (Valdete Souza, informação verbal, Lagedo de Pau D'Arco, junho de 2024).

A descrição de Valdete Souza sobre o lugar e os primeiros moradores de Lagedo de Pau D'Arco destacou a centralidade de Antônia Rosa de Jesus e Alípio Joaquim da Silva na história da comunidade. Ela afirmou que Alípio Silva era curador e sua esposa, Antônia de Jesus, era parteira.

Nailde Rosa dos Santos, conhecida como Dona Nailde, tem 87 anos e é filha de Alípio Joaquim da Silva. Ela relembrou que seu pai era curador e que sua mãe, Antônia Rosa de Jesus, era parteira e rezadeira.

Alipão, Olegário, Deraldo foram os primeiros morador. Foi eles. Quando ele morreu era pequena. Eu podia ter uns dez anos por aí. Eu não me lembro nada, o povo é que fala. Dizem o povo que era curador afamado. Mas eu mesmo não lembro. Pois é. Ele veio das matas. Ele era casado com uma mulher das matas, depois que a de lá morreu, ele casou com mamãe. Minha mãe era Antônia Rosa de Jesus. Um pai era Alípio Joaquim da Silva. Era curador, eu lembro que o povo falava que ele era curador. Era um curador muito bom, viu? (Nailde Santos, informação verbal, junho de 2024, Lagedo de Pau D'Arco, município de Lapão-BA).

Nailde Santos revelou memórias e expressou parte da história e cultura do lugar. Essas memórias estão enraizadas nas tradições de matriz africana, como o Candomblé e as práticas espirituais de cura. Ela também mencionou a existência de rezadeiras no povoado e celebrações religiosas, destacando festividades como o festejo de São Cosme e Damião.

Meu pai era curador dos bons. O povo fala. Ele fazia Candomblé. Ele comemorava no dia 27 de setembro o festejo de Cosme e Damião. Ele fazia. Muita gente vinha pra cá e coisa era no dia 27 de setembro que ele fazia a procissão assim com Cosme e Damião. Eita, mas era bom. Devoto de Cosme e Damião. Chegava doido amarrado nas cordas e quando chegava, ele mandava soltar (Nailde Santos, informação verbal, junho de 2024, Lagedo de Pau D'Arco, município de Lapão-BA).

Os relatos de Valdete Souza e Nailde Santos reafirmaram que Alípio Joaquim da Silva era um curador respeitado dentro do povoado de Lagedo de Pau D'Arco. A filha acrescentou que, como devoto de São Cosme e Damião, o pai organizava a festa no mês de setembro, e muita gente participava da devoção aos santos gêmeos da Igreja Católica, Ibejis no Candomblé, divindades gêmeas protetoras das crianças.

Nailde Santos relembrou que sua mãe, Antônia Rosa de Jesus, era parteira e rezadeira. Em tempos em que os serviços médicos eram escassos, as parteiras não só ajudavam no nascimento dos bebês, mas também ofereciam apoio e cuidados às mães. Essa prática era vital para a sobrevivência e bem-estar das mulheres e crianças em comunidades rurais como Lagedo de Pau D'Arco.

Ela era uma boa parteira também, que naquele tempo veio atrasado não tinha médico quase. A gente tinha filho era tudo dentro de casa. Era boa parteira. Meus filhos quase tudo quem pegou foi ela. Eu tive doze filhos, tudo dentro de casa. Morreu dois, ficou dez (Nailde Santos, informação verbal, junho de 2024, Lagedo de Pau D'Arco, município de Lapão-BA).

Como rezadeira, Antônia Rosa de Jesus rezava contra quebranto e insetos nas plantações. Não tinha altar e tinha o hábito de rezar com folhas verdes, mas não ensinou a prática do benzimento para as filhas, afirmou Nailde Santos.

Tem as rezadeiras de hoje, as mais velhas já morreram tudo. Mamãe também rezava muito. Rezava quebranto, rezava muitas coisinhas, né? Rezava assim quando dava inseto nas roças, que a gente plantava feijão, plantava milho e dava muitos insetos nas roças. Ela benzia pra matar os insetos, isso tudo aí me alembro. Ela não tinha altar. Só rezava com as folhinhas verde. Ninguém continuou rezando, nenhuma, ela não ensinou (Nailde Santos, informação verbal, junho de 2024, Lagedo de Pau D'Arco, município de Lapão-BA).

Valdete Souza se lembrou das rezadeiras de Lagoa dos Patos, povoado situado a doze quilômetros de Lagedo de Pau D'Arco. Ela mencionou duas delas: Inês e Vicência. Comentou: “Aqui tinha rezadeira. Não tinha médico. Uma se chamava Inês, a outra Vicência, que veio da África e também era parteira. Vicência era uma mulher negra” (informação verbal, 2024). Durante a entrevista, intercalou as lembranças de suas vivências nos dois povoados, recordando das festas religiosas com procissões e os reisados. Suas narrativas expressaram a saudade de tempos passados, das tradições e dos costumes que marcavam sua vida na comunidade.

Um pouco mais adiante, Valdete Souza voltou a falar sobre Alípio Joaquim da Silva, dizendo que ele rezava e fazia mezinhas, isto é, preparações medicinais feitas com ingredientes naturais como ervas, raízes e folhas. Ela também se lembrou do curador José, contando que sua mãe fez uma consulta com ele e trouxe uma garrafa de mel de mandaçaia. Quando se lembrou que comia o mel escondida, gargalhou e reviveu esse momento de sua vida na infância. Possivelmente, o curador José morava em Lagoa dos Patos.

Alipão rezava, os povo vinha na casa dele pra fazer consulta. E ele fazia, ele passava era remédio de mezinha, não era remédio de farmácia não. Tinha outro também aqui que chamava José e ele fazia garrafada. Ele fez a consulta de minha mãe e mandou uma garrafa de mel de mandaçaia, fervido ele fica uma delícia. E aí mandou pra minha mãe guardar na mala num cantinho e eu todo dia ia lá e comia um tiquinho. Eu era pequena. Ele era curador, ele morava aqui perto numa casinha de enchimento, quando eu casei ele ainda era vivo (Valdete Souza, informação verbal, 27 de junho de 2024, Lagedo de Pau D'Arco, município de Lapão-BA).

O casal Daniel Joaquim da Silva, 84 anos, e Ivanilde de Souza Santos, 75 anos, por sua vez, relataram suas origens, as dificuldades para sobreviver no sertão, a ausência de médicos e as doenças que acometiam os moradores, como o sarampo, além das danças de roda, quadrilhas e festas religiosas. Aos poucos, lembraram práticas de cura mediante o uso de remédios naturais. Ambos afirmaram: “Dizem que ele era curador”. “O pai de Daniel foi um dos primeiros moradores. O pai de Daniel era Alípio. Ele era curador, catava raízes e fazia remédios” (informação verbal, 2024).

Daniel Joaquim da Silva transmitiu dor ao falar sobre o pai e lembrou que sua mãe foi abandonada com os filhos pequenos. Ele falou sobre a origem de Alípio Joaquim da Silva, reafirmando que veio das matas, mas, ao contrário de Valdete Souza e Nailde Santos, indicou o lugar, Rubiataba. Possivelmente, ele saiu de Lagedo de Pau D’Arco, no interior da Bahia, e retornou ao estado de Goiás, onde morreu. Indicou também que o pai ocupou terras devolutas, tal como faziam muitos que se embrenharam pelo sertão baiano. Os seus filhos têm hoje pequenas propriedades deixadas pelo pai, como afirmou Nailde Santos: “Meu pai tinha terra. Hoje já passou tudo pra gente” (informação verbal, 2024).

Pai sempre foi roceiro. Dizem que ele era curador. Ele dava remédio. Ele largou minha mãe e foi embora pra Rubiataba, estado do Goiás. Antônia Rosa de Jesus era a minha mãe. Ele morreu por lá mesmo.

A roça era pouca. Tinha muito mato. Muita caatinga. Tinha muita terra desocupada. Era pouca gente naquele tempo, casa de taipa.

Plantava roça. Plantava feijão e milho. Aqui tinha pouca criação de gado. A vida era toda vida difícil, mas vivia. Eram poucas famílias, mas foi rendendo. Hoje virou uma cidade, né?! (Daniel Silva, informação verbal, junho de 2024, Lagedo de Pau D’Arco, município de Lapão-BA).

Ivanilde Santos, juntamente com seu marido, recordou de outras parteiras, citando os nomes de Alecina e Carmosina. Ao mostrar o livro *Lapão, Cem Anos de História*, de Jackson Rubem, e perguntar sobre quem foi Maria Rosa de Souza, indicando a foto, eles relataram que ela era casada com Otacílio Joaquim da Silva, irmão de Daniel. Nenhum dos entrevistados informou sobre a data de fundação do povoado de Lagedo de Pau D’Arco, pois desconheciam essa informação.

Ceci Maria dos Santos, uma senhora de 92 anos, que vive em Lagedo de Pau D'Arco desde os tempos de moça, é filha de Deraldo José de Souza, também um dos primeiros moradores do povoado. Quando perguntada sobre a data de fundação do povoado, disse que não tem lembrança de seu pai falando sobre o assunto. Relembrou que, quando chegou com a família, já existiam as casas de Alípio Joaquim da Silva, Olegário Marques de Souza e Delfino Bispo Damasceno.

Deraldo José de Souza e a família migraram de Canarana para Lagedo de Pau D'Arco. Ceci Maria dos Santos diz que seu pai adquiriu terras por meio da compra e, desde cedo, trabalhava na roça. Sua mãe era Maria Pereira Durval. Os filhos mais velhos ficaram em Canarana, pois já tinham suas vidas estruturadas por lá. Com o casal vieram os filhos mais novos.

Os primeiros moradores daqui eram Deraldo, Delfino, Alípio e Olegário. Meu pai veio de Canarana. Não lembro o ano. Tem muitos anos. Quando eu mudei pra Lagedo, era mocinha nova. Moremos em Barro Alto. De Barro Alto mudemo pra Canarana. De Canarana pra aqui, pro Lagedo. Tem muitos anos. Eram duas filhas e cinco homens. Os filhos mais criados ficaram em Canarana.

Aqui era só mato. Só tinha mato em Lagedo de Pau D'Arco. Só mato, mulher! As casas eram dos três moradores: Delfino, Olegário, Alípio e Deraldo que era o meu pai. Essas quatro casas. Mas aqui era tudo mato, nem parecia que era lugar que morasse gente. As casas eram de taipa.

Meu pai adquiriu terras aqui. Ele trabalhava na roça. Foram terras compradas, aquelas tarefas. Comprava terra pra trabalhar, nesse tempo trabalhava de enxada. Capinando de enxada, ainda trabalhei muito ainda, muitos anos. Eu nasci na roça e me criei na roça (Ceci Santos, informação verbal, julho de 2024, Lagedo de Pau D'Arco, município de Lapão-BA).

Ceci Maria dos Santos descreveu Lagedo de Pau D'Arco, em seus primeiros tempos, como um local dominado por mato denso e com habitações feitas de taipa. Desde jovem, trabalhou na roça e, após o casamento, continuou ajudando o marido na lavoura enquanto cuidava dos filhos. Em seu relato, mencionou os partos que teve e a assistência prestada pelas parteiras Celecina Matilde dos Santos, conhecida popularmente como Alecina, Antônia Rosa de Jesus e Carmosina Gomes de Oliveira, esta última sogra da benzedeira Dira Santana.

Essas mulheres desempenhavam um papel central na comunidade, cuidando das parturientes e dos recém-nascidos, especialmente em um contexto de ausência de serviços médicos. Mais do que fazer os partos, Celecina Santos, Antônia Rosa e Carmosina Oliveira eram essenciais para oferecer suporte emocional e espiritual às mães, fortalecendo o vínculo comunitário e a tradição local. A prática de rezar e benzer, comum entre as parteiras e benzedadeiras, reflete a forte religiosidade da região e a crença no poder da fé para curar e proteger. A atuação dessas mulheres garantiu que muitas mães do povoado recebessem cuidados adequados e amparo em momentos tão delicados.

Meus partos eu tive com três pessoas: Alecina, Antônia e Carmosina. Antônia fazia prece assim com a gente. Carmosina era uma assistente muito ativa, ela tomou curso em Irecê. Graças a Deus, esses partos tudo que eu tive foi tudo em casa, não ia no médico. Eu nunca passei uma noite sentindo. Se eu sentisse da meia noite pra amanhecer o dia, eu já ganhava. Meus partos sempre foram bons, graças a Deus.

Quem rezava aqui de quebranto era a mesma Carmosina. Ela rezava. Carmosina rezava de quebrante. Comadre Antônia, ela rezava de olhado de criança, quando tava com cólica ela rezava. Os pequenos, a gente levava, e ela benzia, comadre Carmosina e comadre Antônia. Se um menino tivesse com cólica, levava pra ela, pra comadre Antônia, ela botava ele aqui no colo, ela benzia ele, não sei o que que ela dizia. De olhado ela usava uns raminhos verdes, quando era cólica, ela botava o bebê no colo e rezava baixinho, ninguém sabia o que é que ela dizia. As pessoas sempre procuravam elas. Meus filhos, quando adoecia, eu levava pra elas benzer. Se dava muito bem, o povo diz que a fé que cura, né? Elas sabiam mesmo rezar (Ceci Santos, informação verbal, julho de 2024, Lagedo de Pau D'Arco, município de Lapão-BA).

Dando prosseguimento à entrevista e relembando as práticas de cura no povoado de Lagedo de Pau D'Arco, questionamos a Ceci Maria dos Santos sobre Alípio Joaquim de Jesus, mais conhecido como Alipão, curador. Ela o descreveu como um homem negro retinto e forte. Ela relatou que ele foi casado, ficou viúvo e, posteriormente, casou-se com Antônia, uma mulher branca. Embora trabalhasse na roça como muitos moradores da região, sua casa ficava movimentada nos finais de semana. Muitas pessoas o procuravam, atraídas pela sua reputação como curador, em busca de alívio e cura para os mais diversos males.

Alípio era trabalhador de roça mesmo. Ele era curador. Todo final de semana era muita gente na casa dele. Batia tambor, vinha gente de fora para a casa dele. Esse tempo, eu era moça nova, eu tinha vontade de ver como é que era. Meu pai dizia assim, não, as coisas lá é umas coisas muito dura, muito feia. Ele era curador, ajuntava muita gente na casa dele. Alípio era um amigão do povo, muito amigo do meu pai. No dia das coisas, ele falava pro um pai ir assistir e meu pai de vez em quando ele ia.

Alípio era um homem grande, forte, bem preto, preto. Era um homem muito forte. Ele fazia garrafa de remédios, fazia umas garrafadas.

Ele foi casado duas vezes. A primeira mulher dele, eu não conheci. Conheci a segunda mulher dele. Antônio era parteira. Ela era até madrinha dessa menina minha, de Nininha. Antônio era branca. Ela era uma mulher branca. O povo admirava dela ter casado com Alipão. Ele era viúvo quando casou. Eu lembro que ele foi embora, pra longe, não sei pra onde ele foi. Eu sei que ele morreu muito longe daqui. Ele largou Antônio. Ela ficou com os filhos e veio morrer velha também. (Ceci Santos, julho de 2024, Legedo de Pau D'Arco, município de Lapão-BA)

Segundo os relatos de Valdete Souza, Nailde Santos, Daniel Santos, Ivanete Santos e Ceci Santos, Alípio Joaquim de Souza desempenhava um papel crucial na cura e na espiritualidade no povoado de Legedo de Pau D'Arco. Reconhecido como curador, ele tratava doenças utilizando garrafadas e remédios caseiros preparados com ervas e outros recursos naturais, transmitindo cuidado e esperança à comunidade. A atuação de Alipão, somada à sua presença marcante e respeitada, deixou uma marca profunda na história local.

Valdete Souza contou que, quando foi morar em Legedo de Pau D'Arco, em 1959, Alípio Joaquim de Souza já havia falecido. Ela lembrou que o curador costumava visitar com frequência Lagoa dos Patos, onde era muito amigo de seu pai, João Batista de Souza. Durante a conversa, ela mencionou que as pessoas que passavam por tratamentos espirituais com Alípio ficavam com uma espécie de sinal no pescoço. Além disso, relatou que seu marido, Adonias Marques de Souza, também era rezador, mas não soube precisar quando ele começou a exercer essa prática. Contudo, acredita ser provável que ele já atuasse como rezador bem antes do casamento.

Quando eu vim pr'aqui, Alípio já tinha morrido. Ele era muito amigo de meu pai, domingo eles iam tudo para os Patos. E lá tinha mais movimento. E eu conhecia.

Ele ia muito na casa de meu pai. Ele era curador. A pessoa que fazia o tratamento assim com ele, ele fazia um negocinho assim e ficava um sinal no pescoço.

Meu marido Adonias era rezador de estancar sangue. Às vezes, ele rezava de dente. A pessoa estava com dente doendo e aí ele rezava. Mas ele era mesmo bom para estancar sangue. Era bom.

Ele não usava nada para rezar, só falando.

Se ele rezasse de dente, ele panhava um raminho. Mas o de sangue, não. Era as palavras que ele falava.

Eu mesmo não aprendi a rezar. Ele pelejou pra meu menino aprender (Valdete Souza, informação verbal, julho de 2024, Lagedo de Pau D'Arco, município de Lapão-BA).

Valdete Souza e suas filhas recordaram que Adonias Marques de Souza era habilidoso em rezar para estancar o sangue em casos de cortes, hemorragias e outros tipos de ferimentos. Essa prática não se limitava aos seres humanos, mas também incluía animais, como cavalos e vacas paridas. Além disso, ele utilizava ramos verdes em suas rezas para aliviar dores de dente. Segundo os relatos, ele pelejou para ensinar a prática de rezar a um de seus filhos, mas nenhum deles demonstrou interesse em aprender. Apesar de suas habilidades como rezador, ele não era muito religioso, pois não frequentava regularmente a Igreja Católica. No entanto, ocasionalmente acompanhava a família às missas dominicais. Curiosamente, ele também não mantinha um altar em casa, o que era comum entre muitos rezadores da época.

Adonias Marques de Souza era trabalhador rural, proprietário de terras e criador de gado em Lagedo de Pau D'Arco. Por ser também rezador, era muito procurado pelas pessoas do povoado. Valdete Souza narrou que, certa manhã, alguém bateu em sua porta bem cedo. Ao atender, encontrou um homem que procurava seu marido para que ele rezasse por um cavalo doente na roça. Como já havia saído para o trabalho, o homem foi procurá-lo. Ao encontrá-lo, explicou a situação e sugeriu que ele montasse na garupa de sua bicicleta para irem juntos até o local. Adonias Souza, no entanto, pediu que o homem seguisse na frente, informando que rezaria durante o trajeto. Quando chegou à roça, encontrou o cavalo já em pé, evidenciando a eficácia da reza.

Ele foi pra roça cedo, quando um rapaz chegou aqui e procurou por ele, eu falei que tinha ido pra roça. Aí ele falou que tinha castrado um cavalo de tarde e passou a noite toda botando sangue e tava caído lá pra morrer, ele foi buscar meu marido na roça. Aí ele foi e disse oh Adonias, ele chamava Adonias monta aqui na bicicleta pra tu ir mais eu, ele disse tu pode ir que eu vou rezando daqui e aí veio de pé e o rapaz veio de bicicleta, quando o rapaz chegou na roça o cavalo já tava em pé. Estancou o sangue, já tava em pé. Ele ainda mandou o menino copiar as rezas, acho que o rapaz ali aprendeu. O sobrinho dele. Era só ele rezar que parava, quando todo mundo tivesse qualquer coisa, corria logo (Valdete Souza, informação verbal, junho de 2024, Lagedo de Pau D'Arco, município de Lapão-BA).

As práticas de cura conduzidas por rezadores e curadores como Adonias Marques de Souza e Alípio Joaquim de Souza se baseavam em religiões distintas, como o Catolicismo e o Candomblé, mas entrelaçavam a fé e o conhecimento do povo sertanejo em seu cotidiano. No povoado de Lagedo de Pau D'Arco, era comum que a comunidade recorresse a esses agentes de cura para enfrentar enfermidades ou lidar com problemas espirituais. Ana Paula Souza, filha de Adonias Souza, relembrou que levou seu filho, ainda bebê, para ser benzido pela benzedeira Dira Santana. O menino apresentava sintomas de vômito e diarreia, que, segundo a crença local, poderiam estar relacionados ao mau-olhado.

Eu já levei pra rezar meu filho de olhado. Pois ele estava vomitando. Levei em Dona Dira. Meu filho era pequeno. Quando cheguei lá, ela disse: tá ruim. Era pra ir por três dias se não me engano. E tinha que ir em três e uma não podia saber que eu já tinha ido nela (Paula Souza, informação verbal, julho de 2024, Lagedo de Pau D'Arco, município de Lapão-BA).

No Casal também tinha uma. Mas hoje não sei como tá, era Mariquinha. Meus filhos era ela que rezava. Se amanhecia vomitando, obrando, o pessoal falava: aí tem que levar pra rezar que aí tá de olhado (Maria Graciete Souza, informação verbal, julho de 2024, Lagedo de Pau D'Arco, município de Lapão-BA).

Em comunidades rurais como Lagedo de Pau D'Arco e outras no município de Lapão, interior da Bahia, a prática de rezar, benzer ou recorrer a curadores faz parte do cotidiano local. Figuras como Alípio Joaquim de Souza,

Antônia Rosa de Jesus e Adonias Marques de Souza são lembradas e reconhecidas como agentes de cura. Essas pessoas, dotadas de poderes singulares, desempenharam um papel essencial na preservação dos sistemas de crenças locais. Atualmente, as benzedadeiras Lurdinha Santos e Dira Santana continuam a perpetuar a missão de benzer, mantendo viva a tradição que entrelaça espiritualidade, cultura e cura, garantindo que esses saberes ancestrais permaneçam presentes na vida da comunidade quilombola.

O hábito de rezar é um comportamento historicamente construído, resultado de tradições religiosas transmitidas por meio de costumes e práticas que se moldam e se transformam ao longo do tempo. Como afirma Harari, “Cada cultura tem crenças, normas e valores característicos, mas estão em transformação constante” (Harari, 2018, p. 224). Para que um hábito se consolide, é necessário acreditar, praticar, repetir comportamentos, criar rotinas e preservar costumes. Nesse sentido, como bem reflete o personagem Riobaldo, de João Guimarães Rosa: “Até para a gente se lembrar de Deus, carece de se ter algum costume” (Rosa, 2019, p. 115).

Embora a origem de Lagedo de Pau D’Arco ainda seja compreendida de forma fragmentada, os relatos dos moradores e as memórias das práticas de cura destacam a força dos sistemas de crenças da comunidade quilombola, que se manifestam como ritos de fé. Essa história é um testemunho vivo da preservação de tradições e heranças culturais locais. Ao perpetuar as práticas de rezadores, parteiras e benzedadeiras, a comunidade mantém viva sua memória e seu patrimônio imaterial, conectando passado e presente em uma rede de fé e resistência.

ENTRE LAJEDOS E HISTÓRIAS: FORMAÇÃO DE LAGEDO DE EURÍPEDES, COMUNIDADE QUILOM-BOLA DO MUNICÍPIO DE LAPÃO-BA

O finado Eurípedes era de Fundão, ali de Brotas de Macaúbas. Ele veio para Lagoa dos Patos com o pai dele também. Ele veio, casou com a minha tia, que era irmã do meu pai. Aí, eu vi ele contando que saiu da Lagoa dos Patos. Daqui a Lagoa dos Patos são seis quilômetros, uma légua. Ele disse que botou uma farofa na capanga e um pedaço de rapadura, pegou um facão e uma espingarda e veio despontando caatinga de lá dos Patos até aqui no Lagedo, isso em 1928 (Valdemar Oliveira, informação verbal, junho de 2024, Lagedo de Eurípedes, município de Lapão-BA).

Meu pai falava que ele veio pra aqui com 13 anos, por volta do ano de 1926... 1927. Que o descobrimento de Lagedo, os primeiros foi José Pereira e Eurípedes, eles vieram caçando, nos carreirinhos de onça, macaco e chegaram aqui e acharam os lajedos. E nesses lajedos, eles pensaram de vim morar. Morava nos Patos. E aí começaram a desmatar, que naquele tempo não era dono, quem mais fizesse roça era dono, e aí começaram a desmatar. (Francisco Guedes, informação verbal, julho de 2024, Lagedo de Eurípedes, município de Lapão-BA).

Meu tio-avô, que era Eurípedes, foi um dos primeiros moradores dessa comunidade, eles chegaram e aqui não havia povoação, eles vieram para outra comunidade que hoje é praticamente próxima ali da comunidade de Patos, que é uma fazenda hoje, a Fazenda Caperuçu. Eles formaram esse grupo lá primeiramente, depois, mediante as dificuldades, eles começaram a adentrar pelas caatingas e aí vieram e aqui na comunidade encontrou os lajedos com espaços com muita água (Janete Guedes, informação verbal, setembro de 2024, Lagedo de Eurípedes, município de Lapão-BA).

Recorrendo às entrevistas como método da História Oral, conversamos com Valdemar Alves de Oliveira, 82 anos, Francisco Pereira Guedes, 78 anos, e Janete Souza Guedes, 52 anos, com o objetivo de compreender e documentar a formação de Lagedo de Eurípedes, certificada como comunidade quilombola em 2011 pela Fundação Cultural Palmares. Situado no município de Lapão, no sertão baiano, o povoado possui uma trajetória marcada por migrações, resistências e preservação de heranças culturais e religiosas.

Nas narrativas dos entrevistados Valdemar Oliveira, Francisco Guedes e Janete Guedes, destaca-se que Lagedo de Eurípedes teve sua formação impulsionada pelos deslocamentos de Eurípedes de Souza Santos e José Pereira Rosa, ambos partindo de Lagoa dos Patos e adentrando a caatinga em busca de caça até encontrarem os lajedos¹. Firmino José de Oliveira também é apontado como um dos pioneiros do local. As migrações desses três homens negros, juntamente com suas famílias, foram fundamentais para a ocupação do território que hoje constitui a comunidade quilombola de Lagedo de Eurípedes.

Valdemar Oliveira relatou que Eurípedes de Souza Santos veio de Fundão, em Brotas de Macaúbas -BA, enquanto seu pai, Firmino José de Oliveira, migrou de Areias, um povoado de Barra do Mendes-BA. Francisco Guedes, por sua vez, afirmou que seu avô, José Pereira Rosa, era natural de Morro do Chapéu-BA. Esses deslocamentos foram decisivos para a formação de Lagedo de Eurípedes, moldando as identidades culturais e sociais da região. Eles também contribuíram para o estabelecimento de uma rede de comunidades interligadas por laços de parentesco, histórias compartilhadas e desafios comuns, fortalecendo os vínculos comunitários no sertão baiano.

Eurípedes de Souza Santos, José Pereira Rosa e Firmino José de Oliveira, juntamente com suas famílias, estabeleceram-se nesse novo lugar através da ocupação de terras devolutas² e do desenvolvimento da agricultura familiar. Ao fazer roças e criar espaços produtivos, eles transformaram áreas inexploradas da caatinga, adaptando-se às condições desafiadoras do sertão.

Os entrevistados Valdemar Oliveira e Francisco Guedes não estabeleceram uma data exata para a origem do povoado de Lagedo de Eurípedes, mas indicaram períodos próximos, entre os anos de 1927 e 1928.

¹ As palavras lagedo ou lajedo referem-se a extensas áreas de rocha nua, características comuns em regiões semiáridas. Essas formações apresentam uma superfície geralmente plana, com algumas ondulações e irregularidades. Elas desempenham um papel importante na drenagem e acumulação de água em depressões naturais, sendo essenciais para a sobrevivência da flora e fauna durante os períodos de seca. O nome do local, Lagedo de Eurípedes, faz referência tanto à presença desses lajedos na região quanto a Eurípedes de Souza Santos, um dos homens negros pioneiros do povoado.

² Terras devolutas são aquelas não apropriadas ou registradas por particulares, pertencendo ao Estado. No Brasil, esse conceito foi estabelecido pela Lei de Terras de 1850, que exigia a compra de terras públicas, acabando com a posse livre. Conforme o historiador José Murilo de Carvalho (2012), essa lei visava a concentrar o controle da terra, excluindo ex-escravizados, imigrantes e trabalhadores pobres, o que ampliou as desigualdades sociais.

Já o memorialista Jackson Rubem, em seu livro *Lapão, Cem Anos de História*, sugere uma data ligeiramente posterior, situando a formação do povoado em 1932, durante uma grande seca que assolou o semiárido baiano. Essa discrepância nas datas reflete as diferentes perspectivas e registros sobre o processo histórico de formação da comunidade.

Tanto o memorialista Jackson Rubem quanto Valdemar Oliveira afirmaram que Eurípedes de Souza Santos era filho de um homem escravizado, identificado como Silvério. Essa informação aprofunda a compreensão das origens sociais e históricas das famílias fundadoras de Lagedo de Eurípedes, reforçando sua conexão com a história de resistência e luta da população negra no sertão baiano. Valdemar Oliveira descreveu Eurípedes de Souza Santos como um homem negro, assim como seu pai, Firmino José de Oliveira, e sua tia, Júlia Oliveira (1900-1973). Ele declarou: “O finado Eurípedes preto. A finada Júlia preta também. Meu pai também. Porque todos nós nascemos aqui no meio dessa comunidade que é quilombola” (informação verbal, 2024).

Assim, a formação da comunidade de mulheres e homens negros em Lagedo de Eurípedes teve início por volta do final da década de 1920. Rememorando as histórias dos mais velhos, Valdemar Oliveira ressaltou os desafios enfrentados diariamente para a sobrevivência no sertão baiano. A busca incessante por água e as inúmeras tentativas de cavar a terra para formar cacimbas foram estratégias essenciais adotadas pelos moradores para se adaptar ao ambiente árido e garantir condições mínimas de vida.

Aqui era muito seco. Não tinha água, só quando chovia que acumulava água naqueles canoão. O finado Eurípedes andou furando cacimba, eu ainda vi umas cacimbas que ele perfurou. Meu pai perfurou uma bem ali, encostado nas casas que tem. Furou, cavou sessenta palmo de fundura, deu nas pedras. Ele não furou mais.

Minha mãe, meu pai falava sobre a seca de 1932. O povo falava que quem tinha mandioca não passava fome. Não passava o que...? Só tinha aquilo ali, não tinha nada. Todos eles passaram fome, meu pai, minha mãe, o finado Eurico passou também, que a coisa era tão difícil que eu ouvi ele dizendo que o povo passava fome (Valdemar Oliveira, informação verbal, junho de 2024, Lagedo de Eurípedes, município de Lapão-BA).

Francisco Guedes relembrou que seu pai, Francisco Pereira Guedes, fez inúmeras tentativas de perfurar buracos em busca de água, mas sem sucesso. Ele contou que foi Chico Vermelho, Luís Antonio do Nascimento, quem conseguiu encontrar água e formar uma cacimba de boa qualidade. No entanto, a água era extremamente salgada, “pior que a água do mar”, segundo descreveu. Mesmo assim, a comunidade utilizava essa água para beber e cozinhar, ainda que “o feijão ficasse bem duro” (informação verbal, 2024). Ele também recordou as longas jornadas realizadas para buscar água em Aguada Nova, Lagoa dos Patos e nos Macacos, localidades que hoje são povoados do município de Lapão-BA.

A produção agrícola de Lagedo de Eurípedes concentrava-se no cultivo de alimentos básicos, como feijão, milho, mandioca e cana-de-açúcar, refletindo o papel central da agricultura de subsistência na comunidade. Apesar da irregularidade do ciclo das chuvas, estas eram vitais para o sucesso das colheitas e para a sobrevivência local. Ao falar sobre a história da comunidade quilombola, Francisco Guedes destacou a importância das casas de farinha e dos engenhos de rapadura. Esses espaços não apenas complementavam a alimentação dos moradores, mas também serviam como locais de convivência e fortalecimento dos laços comunitários.

Naquele tempo tinha cana, meu pai tinha roça de cana, ele tinha engenho. Ele plantava muita mandioca, eu falo ele, mas também é uma tradição do lugar. Plantava mandioca, tinha casa de farinha. O velho Eurico tinha casa de farinha. O velho Firmino tinha casa de farinha. Adão, mais na frente, tinha casa de farinha. Meu avô Luciano, que chegou mais derradeiro um pouco, tinha casa de farinha. Então, era uma tradição de plantar mandioca pra fazer farinha. Aqui nos Pimentas tinha muita cana. Chico Pimenta tinha um engenho, meu pai tinha um engenho de moer a cana, fazer a rapadura. Produzia rapadura. Quando chegava esse tempo agora, era uns três, quatro meses trabalhando direto, produzindo rapadura com a cana plantada aqui (Francisco Guedes, informação verbal, julho de 2024, Lagedo de Eurípedes, município de Lapão-BA).

Nas memórias de Janete Guedes, destacam-se as lembranças dos plantios de mandioca e dos mutirões organizados para arrancar as raízes da terra. Ela ressaltou o papel das mulheres nas casas de farinha,

que se reuniam para processar a mandioca em um trabalho coletivo. Ela também recordou o preparo da tapioca e o sabor único dos beijos de massa, assados em fornos a lenha, alimentos que faziam parte do cotidiano da comunidade e refletiam sua ligação com as tradições locais.

Sobre as práticas culturais e espirituais em Lagedo de Eurípedes, Valdemar Oliveira trouxe à tona aspectos importantes das tradições religiosas. Ele mencionou as procissões realizadas durante a Semana Santa e as caminhadas até a Igreja Católica de Lagoa dos Patos. Ele lembrou sobre a atuação de dois curadores na comunidade: Tomaz, um homem negro que residia em Caperuçu, e o velho Alcebíades, originário de Lagoa do Cedro, em Ibipêba-BA, que morava no Casal. Valdemar, no entanto, não se recorda de mulheres praticando benzeduras na época.

O casal Ana e Francisco Guedes recordou juntos as práticas religiosas realizadas nas casas de famílias em Lagedo de Eurípedes e em Lagedo de Pau D'Arco. Francisco Guedes comentou: “As rezas eram dentro de casa, todo mundo sentava por ali, e ficavam as muiés rezando benditos. Uma cantava, outra respondia. Passava a noite quase toda rezando” (informação verbal, 2004). Eles também mencionaram as festas religiosas realizadas em Aguada Nova e Canarana, cidades próximas a Lapão-BA.

Ana Guedes revelou que já foi benzedeira, mas abandonou o ofício para se dedicar ao voluntariado. Ela começou a benzer sob a orientação de seu sogro, Francisco Pereira Rosa, e do curador Anjo de Tomaz, percebendo a prática como um chamado espiritual. Ela utilizava ramos verdes e o rosário para realizar as benzeduras e mantinha um altar com imagens sacras, onde acendia velas e queimava incensos. Como devota de São Cosme e Damião, organizava carurus no mês de setembro, mantendo viva uma tradição que unia fé e identidade cultural.

Eu devia ter uns 19 anos quando comecei a ser benzedeira. Geralmente o pessoal denigre muito o curandeiro, o benzedor, o espírita, mas eu sempre falo que eu não tenho nada de me arrepender que eu fiz nessa época, eu passei todo esse tempo tentando o máximo que eu pude fazer o bem. Então, eu acho que foi assim um chamado, uma sina que eu tinha de fazer o bem dessa forma. [...] Eu benzia com ramos, às vezes só com o rosário. As pessoas procuravam com perturbação de sono, com medo, ansiedade. Rezava bebê de quebranto. Era devota de São Cosme e Damião. Não era todo ano que fazia a festa. Não era fiel,

mas sempre fazia o caruru. Tinha um altar. Tinha um altar que atendia a pessoa. Que acendia vela. Rezava com os ramos, queimava incenso, tinha os santos. Tudo que acontecia aqui de doença, a gente ia lá em Anjo. Hoje, tem o filho de Anjo que é benzedor. Foi esse Anjo de Tomaz que influenciou a mim a ser benzedeira. Aprendi as rezas, pratiquei durante onze anos e era devota de São Cosme e Damião, da Virgem Maria (Ana Guedes, informação verbal, julho de 2024, Lagedo de Eurípedes, município de Lapão-BA).

Os relatos de Ana e Francisco Guedes destacaram as práticas de cura como parte fundamental das tradições culturais e religiosas da comunidade quilombola de Lagedo de Eurípedes. Eles mencionaram figuras importantes do passado, como Tomaz, de Lagedo de Eurípedes; Alípio, de Lagedo de Pau D'Arco; e Anjo, de Lagoa dos Patos, reconhecidos por suas atuações como curadores. Além disso, ressaltaram que a missão de benzer continua viva no povoado, sendo mantida por Lídia Maria da Conceição, popularmente conhecida como Dona Lídia, que desempenha um papel central na preservação dessas práticas.

Lídia Maria da Conceição desempenha um papel fundamental na preservação e transmissão das tradições religiosas e culturais da comunidade quilombola de Lagedo de Eurípedes. Todos os anos, no mês de setembro, ela organiza o caruru em homenagem a São Cosme e Damião, santos gêmeos venerados tanto na Igreja Católica quanto como Ibejis nas religiões de matriz africana, como o Candomblé. Essa celebração representa uma rica expressão de religiosidade, unindo elementos da tradição católica e das religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda, reafirmando as vivências espirituais e culturais da comunidade.

O caruru promovido pela benzedeira Lídia Conceição transcende o âmbito das celebrações religiosas, representando uma poderosa manifestação de identidade e resistência da comunidade quilombola de Lagedo de Eurípedes. Essa festividade tradicional é carregada de simbolismo, com elementos como a procissão com velas, a composição da mesada com sete crianças, a oferta de alimentos e doces, as danças ao som dos atabaques, os cânticos, as rezas e as ladainhas. Esses rituais não apenas celebram a fé, mas também fortalecem o elo com as raízes culturais e espirituais do povo negro no sertão baiano, preservando vivências e tradições que resistem ao tempo.

Janete Guedes destacou que a benzedeira Lídia Conceição é responsável por organizar a festa dos caretas, realizada no sábado de aleluia, durante a Semana Santa. Dona Lídia exerce um papel fundamental como agente cultural, envolvendo os jovens na preservação dessa tradição. Sua dedicação fortalece o senso de pertencimento e contribui para a manutenção das práticas culturais e religiosas da comunidade quilombola de Lagedo de Eurípedes, garantindo que essas celebrações permaneçam vivas e significativas para as novas gerações.

Ela organiza os caretas, ela confecciona as máscaras, as roupas. Dona Lídia é uma das precursoras com a festa dos caretas. É no sábado de aleluia. Ela é quem vai na frente e motiva os jovens. A festa dos caretas, eles montam as máscaras cada um, se caracterizam com roupas rasgadas, de um jeito bem dinamizado, da forma deles para que não seja reconhecido e aí vêm com chocalhos, vêm com chicotes, alguns com as máscaras, é um fator cultural bem bacana. Dona Lídia motiva os meninos, os jovens, principalmente na faixa de adolescência para jovem, ela está mediando esses meninos (Janete Guedes, informação verbal, setembro de 2024, Lagedo de Eurípedes, município de Lapão-BA).

A criação de lapinhas e o reisado, trazido do Casal, foram registradas por Janete Guedes como vivências culturais presentes na comunidade quilombola de Lagedo de Eurípedes. A organização das lapinhas, ou presépios, está enraizada na tradição católica e simboliza o nascimento de Jesus Cristo, sendo uma prática comum no período natalino. Já o reisado, uma manifestação cultural que celebra a visita dos Reis Magos ao Menino Jesus, ocorre geralmente entre dezembro e janeiro, Festa de Santo Reis. Ambas as tradições refletem a riqueza cultural e religiosa da comunidade, mantendo vivas práticas que integram fé e identidade cultural.

Tem um reisado aqui, mas vindo de outra comunidade, do Casal. Aí eles fazem todos os anos. Lá tem Zezinho e Bezim também, tem seu Zequinha, que é de Lagedo de Pau D'Arco, que é um dos componentes. No caso desse grupo, meu sogro participava. É em dezembro, janeiro. Dona Lídia também é uma das que na comunidade motiva, pois ela faz a lapinha, no caso de Evani que é a mãe de Joédson, que faz também a lapinha. Eles rezam em todas as casas, mas essas aí específicas e na igreja (Janete Guedes, informação verbal, setembro de 2024, Lagedo de Eurípedes, município de Lapão-BA).

No decorrer da pesquisa histórica, fundamentada na oralidade, as entrevistas com moradores mais velhos, como Valdemar Oliveira e Francisco Guedes, revelaram que a origem do povoado de Lagedo de Eurípedes remonta aos anos de 1927 e 1928, no final da República Velha (1889-1930). Nesse período, o Brasil era caracterizado por uma economia agroexportadora dominada por oligarquias regionais, com o poder político e econômico concentrado nas mãos das elites agrárias. As desigualdades sociais eram profundamente acentuadas, especialmente para as populações negras, que, apesar da abolição da escravidão em 1888, permaneciam marginalizadas e sem acesso a direitos fundamentais.

No sertão baiano, a formação de povoações por meio das migrações de famílias negras e da ocupação de terras devolutas, como ocorreu em Lagedo de Eurípedes, exemplifica o processo de organização comunitária do povo negro sertanejo. Essas comunidades surgiram como espaços de resistência, onde práticas de agricultura de subsistência e tradições culturais foram preservadas, mesmo diante das condições adversas.

De acordo com o cientista social João Rodrigo de Araújo Santana, no livro *Quilombos na Bahia, Lutas e Resistência*, cada comunidade quilombola possui um processo histórico de formação singular. Santana afirma: “Cada comunidade quilombola apresenta uma história singular de formação e de uma cultura particular. Não obstante, mesmo que estejam nas margens do rio São Francisco, do Paraguaçu, na Chapada Diamantina, no Sertão, no Recôncavo, ou no Sul da Bahia, todos apresentam uma história marcada pela opressão racial, pela dificuldade de acesso à terra, pela luta para garantir seus territórios” (Santana, 2023, p. 23).

Localizada no sertão baiano, no município de Lapão, Lagedo de Eurípedes surgiu entre 1927 e 1928 como uma comunidade rural negra. Formada por famílias camponesas que, mesmo após a abolição da escravidão, continuavam a enfrentar exclusão social e econômica, a comunidade se estruturou a partir de modos de subsistência coletiva. Essas famílias, sem acesso à terra e ao trabalho digno, basearam sua sobrevivência no uso compartilhado dos recursos naturais e na solidariedade comunitária, criando um espaço de resistência e preservação de suas tradições.

Reconhecida como comunidade quilombola pela Fundação Cultural Palmares, Lagedo de Eurípedes é um exemplo de como histórias de luta, resistência e solidariedade podem moldar territórios e identidades. A trajetória dessa comunidade não apenas reafirma a relevância das práticas culturais e religiosas como instrumentos de resistência, mas também demonstra o valor da memória para compreender e valorizar a história das populações negras no Brasil.

A TRAJETÓRIA DA BENZEDEIRA LURDINHA SANTOS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LAGEDO DE PAU D'ARCO, LAPÃO-BA

Concentra o pensamento a Deus, não em mim. Pede a Deus na tua mente tudo o que tu deseja na tua vida. Se for da vontade de Deus, tu leva a saúde e a paz, eu vou te rezar.

Salve lemanjá, sereia do mar, rainha das águas. Derrama a tua água sobre o corpo da tua filha que se encontra aqui na cadeia do Oriente pedindo tua vossa caridade.

Aqui eu peço a proteção de São Cosme e Damião, que é médico dos médicos, curador dos curador. Oxalá, meu pai! Tenha pena, tenha dó. Que a volta do mundo é grande e teu poder será maior! (Lurdinha Santos, informação verbal, Lagedo de Pau D'Arco, junho de 2022).

Marilene Souza Santos, 70 anos, conhecida popularmente como Lurdinha, é benzeadeira na comunidade quilombola de Lagedo de Pau D'Arco, no município de Lapão, interior da Bahia. Nascida em 23 de junho de 1955, Lurdinha Santos é filha de Edésio Souza Santos e Lucília Maria de Souza. Em entrevista, relatou que foi criada por seus avós maternos, Salustiana Maria Teles e Durvalino Pedro dos Santos.

Ao falar sobre sua família, Lurdinha Santos contou que sua avó, Salustiana Maria Teles, era uma mulher de pele clara e olhos verdes, enquanto seu avô e seu pai eram descendentes de indígenas. Segundo ela, a bisavó de seu avô foi capturada nas matas nos dentes de cachorro³¹, como se dizia na época.

³ A expressão “pega a dente de cachorro” é usada em relatos para descrever a captura violenta dos povos indígenas no Brasil colonial e pós-colonial. Essa prática envolvia o uso de cães de caça para perseguir e dominar os indígenas, retirando-os de suas terras. Segundo a liderança indígena Vanda Cariri, a expressão faz “[...] referência as histórias que geralmente são contadas pelas pessoas mais velhas quando vão falar de sua ancestralidade ‘pega a dente de cachorro’, diz respeito às práticas recorrentes de sequestro de mulheres indígenas [...]” (Nascimento, J., 2023, p. 123). O termo remete à violência da colonização e da escravização dos povos originários do Brasil. Na obra Salvar o fogo, de Itamar Vieira Junior, a mesma expressão é utilizada pelo narrador Moisés para contar as histórias de sua família: “Luzia repetia que Mariinha havia saído à nossa bisavó Didita, a avó de meu pai, ‘caçada a dente de cachorro’. [...] soube que a avó de meu pai era uma velha índia de cabelo longo e grisalho. [...] Que quase não falava, mas sabia benzer criança e conhecia as ervas da mata” (Vieira Junior, 2023, p. 32). Itamar Vieira Junior, por meio de sua literatura, resgata e evidencia essas narrativas, propondo uma reflexão sobre as marcas deixadas pela colonização na sociedade brasileira.

Ao relatar suas memórias familiares, afirmou com orgulho sua ancestralidade, identificando-se como uma mulher negra quilombola com ascendência indígena – uma cabocla, como costuma dizer.

Lurdinha Santos sempre morou em Lagedo de Pau D’Arco, um povoado certificado como comunidade quilombola em 2011 pela Fundação Cultural Palmares. O memorialista Jackson Rubem, no livro *Lapão, Cem Anos de História*, aponta que a formação do povoado ocorreu no início da década de 1930, século XX. Pesquisar sobre a origem dessa povoação no interior da Bahia revelou dados históricos, culturais e antropológicos valiosos sobre o povo sertanejo, evidenciando a complexidade das relações étnico-raciais, as diversas expressões de religiosidades e as práticas tradicionais de cura.

A utilização de entrevistas como técnica de pesquisa sobre a vida de Lurdinha Santos, em Lagedo de Pau D’Arco, proporcionou ampliar o olhar sobre sua trajetória como mulher negra e benzedeira. As entrevistas revelaram aspectos significativos sobre as condições de vida no sertão e as estratégias de sobrevivência adotadas por sua família. A luta diária pela subsistência estava intrinsecamente ligada ao trabalho árduo na roça, uma rotina extenuante compartilhada por adultos e crianças, que desde cedo se envolviam no trabalho agrícola para contribuir com o sustento da família.

Meu pai trabalhou nas roças do velho Isidoro no Casal. Meu pai não tinha terreno, e aí foi trabalhando mais ele durante toda a vida. Meu pai teve uma terra, mas ele vendeu. Ele tinha um pouco de terra, era pouquinho, era quatro tarefa. Nossa casa era de enchimento, varada e chimenteada. Cobria de cavaco, não tinha telha. Cavaco de pau nas roças, eles tiravam. Meu pai era índio, fazia casa. E chovia e não dava um pinga dentro de casa (Lurdinha Santos, informação verbal, Lagedo de Pau D’Arco, outubro de 2024).

Lurdinha Santos vivia com sua família em uma casa de taipa, uma moradia modesta e característica da região sertaneja, que abrigava não apenas os desafios do cotidiano, mas também momentos de afeto e de comunhão. Esse espaço simples era palco de rituais familiares que iam além da mera sobrevivência, como as refeições numa gamela onde se compartilhavam feijão com farinha e arroz, enriquecidos com tutano de perna de boi. A refeição, preparada e consumida coletivamente, simbolizava muito mais do que a nutrição: era um ato de união e fortalecimento dos laços familiares e comunitários.

Na vida de Lurdinha Santos, havia uma escola no meio do caminho, mas as condições sociais e econômicas impediram a continuidade dos estudos. A necessidade de ajudar seus pais e avós nas atividades agrícolas fez com que ela e seus irmãos comesçassem a trabalhar no campo desde muito cedo. Frequentou a escola apenas até o primeiro ano do Ensino Fundamental. Daquele tempo, guarda boas e más lembranças. Recordou com carinho dos percursos que faziam marchando por Lagedo de Pau D'Arco durante os recreios. Ao mesmo tempo, não esqueceu as memórias dos castigos, como os bolos de palmatória⁴, uma prática comum na época para manter a disciplina.

A ação dos pais de Lurdinha Santos de retirar os filhos da escola para ajudar na agricultura foi uma consequência das dificuldades econômicas enfrentadas pela família, e reflete as desigualdades raciais e sociais que marcaram sua vida e de tantos outros em comunidades rurais como Lagedo de Pau D'Arco. Não havia outra escolha, posto que, para famílias negras, estruturas históricas de exclusão como a pobreza reproduzem mecanismos de hierarquização e racialização⁵ no Brasil. Segundo a filósofa Suely Carneiro, no livro *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*: “A exclusão racial via o controle do acesso, do sucesso e de permanência no sistema de educação manifesta-se de forma que, a cada momento de democratização do acesso à educação, o dispositivo de racialidade se rearticula e produz deslocamentos que atualizam a exclusão racial” (Carneiro, 2023, p. 109).

A experiência de Lurdinha Santos é emblemática de muitas famílias em vulnerabilidade social, onde, apesar da existência de uma escola, não há condições materiais para garantir a permanência no sistema educacional. Em Lagedo de Pau D'Arco, a existência da escola não foi suficiente para assegurar seu direito à educação. A pobreza e a necessidade de complementar a renda familiar por meio do trabalho infantil criaram barreiras

⁴ Instrumento de madeira usado para castigar com golpes na mão, usado nas escolas para punir alunos. Tem um simbolismo ligado a práticas punitivas de tempos passados e a uma educação disciplinadora.

⁵ Racialização é o processo social por quais indivíduos ou grupos são diferenciados com base em fenótipos, como a cor da pele, que estão associados a significados sociais, culturais e políticos. Esse processo envolve a criação de categorias raciais que não possuem fundamentos biológicos, mas são construções sociais historicamente situadas, usadas para criar e perpetuar relações de poder, desigualdades e exclusões. O conceito de racialização foi utilizado pela primeira vez pelo psiquiatra martinicano e filósofo político Frantz Fanon (1925-1961) em sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, publicado em 1952. Disponível em <https://pp.nexo-jornal.com.br/bibliografia-basica/2024/05/07/5-textos-para-saber-mais-sobre-o-conceito-de-racializacao>. Acesso em: 14 out. 2024.

para a continuidade de sua vida escolar. Assim, a educação, que poderia ser uma via de mobilidade social, foi interrompida para atender a demandas imediatas de sobrevivência.

Eu fui criada na roça desde pequena. Meu pai levava para a roça, trabalhava tudo reunido e levava a gente pequena e botava pra trabalhar. Um carregava um toco, outro capinava. Meu pai cortando quiabento, e a gente levando os galhos pra fazer a cerca, e a gente foi criada nesse ritmo aí. A gente não teve infância de viver a vontade, brincando (Lurdinha Santos, informação verbal, Lagedo de Pau D'Arco, outubro de 2024).

Lurdinha Santos compartilhou com emoção outras histórias de trabalho, lembrando os dias em que sua família se reunia na casa de farinha do povoado de Casal, perto de Lagedo de Pau D'Arco. Ela rememorou com carinho o trabalho coletivo e a ternura de seu pai, que sempre preparava um grande beiju a pedido dos filhos. “A gente trabalhou muito em casa de farinha no Casal. A gente fazia farinha o dia inteiro e de noite a gente fazia beiju. Meu pai fazia um beiju bem grandão, quando tava sequinho, ele trazia na mão da gente, aí partia para todo mundo. A nossa vida era maravilhosa”, conta, saudosa (informação verbal, 2024).

Lurdinha Santos recordou como era viver em Lagedo de Pau D'Arco, contou que havia poucas casas no povoado, poucas estradas, e que o lugar era praticamente cercado pelo mato. Ela afirmou que sempre preferiu lugares tranquilos: “Eu gosto é de lugar de mato mesmo, não gosto de cidade, não gosto” (informação verbal, 2024). Além disso, relatou as dificuldades que enfrentava ao buscar água nas cacimbas: “A gente carregava a água nos pote de barro e nas cabaças. Água salgada, mas nós bebia no maior sofrimento, mas bebia” (informação verbal, 2024).

Entre a adolescência e a vida adulta, Lurdinha Santos continuou trabalhando na roça. Teve seis filhos, dois mortos na primeira infância, perdas que marcaram profundamente sua vida. Ela relatou que foi trabalhadora rural até os trinta e cinco anos, quando, após sua última gestação, não teve mais condições físicas para continuar na lida. O trabalho pesado na roça, somado à criação dos filhos, causou um desgaste significativo: “[...] a rotina era ir todo dia pra roça, saía cedo. Eu trabalhava com meu ex-marido, já tinha os filhos. A gente trabalhava em tudo que era roça, tanto trabalhava pra nós como trabalhava pro outros” (informação verbal, 2024).

A filósofa Sueli Carneiro afirma que as mulheres negras frequentemente enfrentam desigualdades estruturais profundas, incluindo o acesso limitado à educação, empregos mal remunerados e de alta exigência física. Experiências de trabalho como as de Lurdinha Santos estão intrinsecamente ligadas à história de exploração e à opressão racial e de gênero que caracterizam o Brasil, injustiças sistêmicas que até hoje afetam muitas meninas e jovens negras nas zonas rurais e urbanas do País.

A história de Lurdinha Santos evidencia a interseção das opressões de raça, gênero e classe. As mulheres negras, como aponta a filósofa Sueli Carneiro, enfrentam uma tripla discriminação que as coloca em uma posição particularmente vulnerável na sociedade. O trabalho agrícola, historicamente associado às populações negras no Brasil, devido à escravidão e suas consequências, revela-se, no caso de Lurdinha Santos, não apenas como um meio de subsistência, mas como uma extensão da lógica de exploração e precariedade que moldou as vidas de suas antecessoras e que continua a moldar as vidas de meninas e adolescentes em lavouras irrigadas no município do Lapão.

No Brasil, o racismo estrutural é um dos principais fatores que erguem barreiras à mobilidade social das populações negras. O acesso restrito à educação de qualidade e aos empregos formais perpetua a pobreza, afetando de forma desproporcional as mulheres negras, como ocorreu com Lurdinha Santos. Sua vida foi marcada pela negação de direitos básicos: não conseguiu viver sua infância plenamente, não foi alfabetizada de forma adequada, nem teve acesso digno à escola. O trabalho árduo e a exploração física em propriedades de terceiros refletem as cicatrizes em sua vida de um passado escravocrata que ainda se perpetua na sociedade brasileira. O filósofo e advogado Silvio Almeida, em seu livro *Racismo estrutural*, afirma que:

Pode-se dizer que o racismo normaliza a superexploração do trabalho, que consiste no pagamento de remuneração abaixo do valor necessário para a reposição da força de trabalho e maior exploração física do trabalhador, o que pode ser exemplificado com o trabalhador ou trabalhadora que não consegue com o salário sustentar a própria família ou o faz com muita dificuldade, e isso independentemente do número de horas que trabalhe. A superexploração do trabalho ocorre especialmente na chamada *periferia do capitalismo*, onde em geral se instalou uma lógica colonialista. O racismo, certamente, não é estranho à expansão colonial e à violência dos processos de acumulação primitiva de capital que liberam os elementos constitutivos da sociedade capitalista (Almeida, 2020, p. 172).

A resistência de Lurdinha Santos, enraizada no sertão baiano, fortaleceu-a para não ceder diante da dureza do mundo. Sua força de vida sustenta-se na criatividade, espiritualidade e no ofício de benzedeira, habilidade que ela compreende como dom. Ela tornou-se uma figura de referência na comunidade quilombola de Lagedo de Pau D'Arco, e sua habilidade de benzer é uma marca distintiva de sua trajetória. Outro traço de sua personalidade é a dimensão artística: ao se apresentar como reiseira, Lurdinha Santos perpetua uma manifestação cultural mantida por gerações, usando o canto e a dança como formas de resistência e afirmação cultural.

A casa de Lurdinha Santos é um festival de cores, música e alegria. Flores artificiais em jarros, pinturas decoram as paredes, e uma flor, pintada por um dos seus netos, embeleza a sala. Não falta música: violões afinados como violas e pandeiros ocupam um lugar de destaque. Ao lado de seu companheiro Juvenal Francisco dos Santos, 66 anos, cantam e tocam juntos. Ambos são reiseiros, orgulhosamente mantendo viva a tradição do Santo Reis como forma de devoção e diversão. Diz com carinho: “eu tenho um violão que meu pai me deixou, pois eu cantava mais ele muito tempo. É a alegria da minha vida” (informação verbal, 2022).

A primeira experiência de Lurdinha Santos com o sagrado ocorreu durante sua adolescência, quando ela tinha cerca de 14 anos, por volta de 1969, no povoado de Lagedo de Pau D'Arco, onde sempre viveu. Ela relembrou o momento em que um grupo de ciganas chegou à sua casa, pedindo que rezasse por uma criança doente. Embora inicialmente assustada e relutante, sem entender completamente a situação, sua avó a acalmou e a convenceu de ir ao encontro da menina enferma. Assim, ela narrou essa vivência marcante em sua vida:

Minha mãe me deu água com açúcar e disse: “calma minha filha, não fica assim nervosa não. Ninguém sabe o que acontece na vida, faz a caridade. Se ela tem fé, é a fé que cura!”. Chegando lá, as ciganas tudo chorando, gritando com a menina nos braços. Aí eu cheguei tremendo, minha mãe segurada em mim, mandou afastar todo mundo. Aí minha mãe ficou só mais eu e a criança. Aí eu fui, não vi mais nada! Botei a mão nos olhos da criança e fiquei ali calada, sem ver nada! “Oh minha fia, tu veio rezar esta criança, tu não sabe rezar, mas as ciganas estavam muito nervosas e pediu ajuda. E a gente não nega caridade não. A gente sabe, a gente mostra!”. “Sabe, pensa em Deus, pensa em Deus. Pede a Deus um dom”. Aí eu fui e pedi: “oh meu Deus, me ajuda, oh meu Deus, me ajuda!” Aí agora pronto, botei a mão no olho da criança de novo, fiquei um tempo, quando foi um tempo, tornei ressuscitar de novo, parece que eu estava morta. Perguntei a minha mãe o que estava fazendo ali? Minha mãe disse: “nada não, a gente veio ver a menininha aqui. Umbora embora” (Lurdinha Santos, informação verbal, Lagedo de Pau D'Arco, junho de 2022).

Ao interpretar a narrativa de Lurdinha Santos, é possível identificar uma complexa interação entre sistemas de vida, religiosidades e práticas de cura enraizadas na cultura sertaneja. O relato revela um panorama sobre como o sagrado se manifesta de maneira espontânea, integrada ao cotidiano, evidenciando as tradições religiosas populares, que muitas vezes reúnem elementos de diversas matrizes religiosas, como o catolicismo, o espiritismo e religiosidades afro-indígenas.

Ao narrar o momento de revelação de seu dom, Lurdinha Santos evidenciou o papel feminino como mediadora do sagrado e guardiã de saberes espirituais. A quem ela chamava de mãe era sua avó, Salustiana Teles, conhecida como Dona Salu que não apenas atuou como orientadora da prática espiritual, mas também como uma figura de autoridade moral, legitimando e orientando o dom atribuído a sua neta. Essa dinâmica familiar reflete uma característica importante das tradições religiosas sertanejas, em que os saberes espirituais são frequentemente transmitidos por meio da linhagem feminina, consolidando o papel das mulheres como transmissoras de conhecimento e intermediárias entre o humano e o divino.

Lurdinha Santos enfrentou dificuldades em compreender e aceitar o seu dom de benzer. Ela relatou que passou por distúrbios psíquicos, que hoje são compreendidos como manifestações de uma energia sagrada. Contudo, na época, ela recorreu ao tratamento com profissionais da área da saúde, como psiquiatras, mas não conseguiu restabelecer a sua saúde mental e física; buscando outros agentes de cura como curadores. Segundo os pesquisadores Edmilson Pereira e Núbia Gomes, no livro *Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra*, “[...] a história de vida das benzedeiras adquire uma aura mítica decorrente da mescla de aspectos dos mundos humano e divino” (Pereira, 2018, p. 119).

A história de vida de Lurdinha Santos é singular e apresenta um roteiro específico sobre a construção de sua trajetória como benzedeira. Se a primeira manifestação do sagrado ocorreu na adolescência, foi na vida adulta, principalmente após a última gestação, em 1990, que entendeu completamente a sua missão de benzer. Após o parto, Lurdinha Santos relatou que entrou em coma por quase três meses, e seu filho foi dado como morto. Ela contou que o curador Lormino de Lagoa do Boi, em Salobro-BA, presagiu esse momento de sua vida, dizendo numa consulta: “Pode deixar ela aí, ela não vai morrer, ela só vai morrer na hora do parto. Ela vai viver de novo. Mas ninguém vai se assustar. O velho era sabido” (informação verbal, 2022).

Lurdinha Santos interpretou seus desafios pessoais, incluindo os momentos de adoecimento mental e físico, como experiências essenciais para a efetividade e legitimidade de seu ofício como benzedeira. Durante o processo de consolidação do dom de benzer — espécie de iniciação —, ela percebeu que todo o sofrimento vivenciado ajudou a fortalecer sua conexão com o divino. De acordo com Elda Rizzo de Oliveira, no livro *O que é benzeção*, experiências com o sagrado revelam como mulheres e homens são mobilizados por entidades sobrenaturais para o ofício de curar e benzer.

Por cerca de 40 anos, Lurdinha Santos tem exercido seu ofício como benzedeira em Lagedo de Pau D’Arco, no município de Lapão-BA, consolidando-se como uma figura de referência espiritual e agente de cura. Ao longo dessas décadas, ela construiu, junto à comunidade, o reconhecimento de seu papel, legitimando seus saberes no campo religioso por meio de suas práticas de cura e fé. Ao ocupar essa posição de liderança e cuidado⁶, Lurdinha Santos fortalece o papel feminino na mediação entre o sagrado e a comunidade, garantindo a continuidade de práticas culturais afro-indígenas que são pilares de resistência e identidade do povo sertanejo.

No universo particular de sua casa, Lurdinha Santos cultiva uma rica e profunda conexão com o sagrado por meio de um altar cuidadosamente adornado, que reflete sua devoção religiosa. Nesse espaço, ela reúne santos, santas, orixás e caboclos, numa composição que expressa tanto suas raízes culturais religiosas quanto a espiritualidade que guia seu ofício como benzedeira. Entre as figuras sacras que habitam esse altar estão São Cosme e Damião, Iemanjá, Preto Velho, Santa Bárbara, Jurema Preta, Padre Cícero, São Sebastião, Ogum da Pedra Branca, São Pedro, Bom Jesus da Lapa, Santa Luzia, Mãe Maria, Santo Antônio e Nossa Senhora do Parto. “Eu tenho o Menino Deus, Santo Rei e os Três Reis Magos” (informação verbal, 2022).

O altar da benzedeira Lurdinha Santos é um espaço espiritual e carregado de significados simbólicos. A combinação de flores coloridas, pratos com pedras, velas, incensos e búzios conecta as práticas da benzedeira às tradições católicas, afro-brasileiras e indígenas, criando uma atmosfera que transcende o físico e evoca o sagrado dessas culturas. Além disso, o altar inclui roupas e adereços usados em festas religiosas, representando

⁶ Conforme relato de Lurdinha Santos, sua trajetória como benzedeira envolveu, em diversas ocasiões, o acompanhamento da parteira Carmosina Oliveira, sua comadre, em trabalhos de parto realizados em Lagedo de Pau D’Arco. Essa experiência evidencia uma profunda articulação entre práticas espirituais e cuidados tradicionais femininos, destacando a confiança e a parceria estabelecidas entre benzedeadas e parteiras nas comunidades rurais do município de Lapão.

a devoção e as celebrações de entidades espirituais. Os atabaques, típicos de rituais afro-brasileiros, desempenham um papel importante ao acompanhar os cânticos e as rezas.

O altar e a mesa num cômodo da casa de Lurdinha Santos são elementos centrais para os benzimentos que realiza, funcionando como espaço sagrado onde as orações e rituais são feitos. É nesse lugar íntimo e acolhedor que a benzedeira recebe as pessoas que buscam sua ajuda, rezando e oferecendo suas bênçãos para aliviar dores, curar enfermidades, ou simplesmente trazer proteção espiritual. De acordo com Edimilson Pereira e Núbia Gomes: “O exercício da cura dentro da casa demonstra a relação entre a terapia e os valores do espaço pessoalizado, ou seja, a prática da benzeção pertence a um universo privado onde se destacam a discrição da vivência religiosa, o trabalho para a subsistência, os vínculos com a família e a vizinhança, e o interesse de partilhar os recursos materiais e espirituais” (Pereira, 2028, p. 117-118).

O que vem aqui na minha mesa, quando eu saio daqui eu não sei mais nada. Eu só sei atender uma pessoa quando eu concentro meu pensamento a Deus na minha mesa, aí eu falo e vem tudo, vem o remédio, vem o banho, se for pra ir para o hospital vai, se não for pra mim, na minha mesa ninguém morre porque Deus não deixa, viu? Se eu perceber que tá barra pesada, vai pro hospital, seu problema é de hospital, não é pra mim. Agora, se for pra meu lado, eu passo uns banho, uns chá (Lurdinha Santos, informação verbal, Lagedo de Pau D’Arco, junho de 2022).

A benzedeira Lurdinha Santos mantém uma prática arraigada na fé e nas tradições religiosas. Utilizando elementos naturais como folhas verdes, especialmente a arruda e o peão-roxo, ela reza pelas crianças que sofrem de olhado⁷ ou vento caído⁸, refletindo a crença no poder curativo e protetor das plantas. A arruda, em particular, é

⁷ De acordo com os pesquisadores Edmilson Pereira e Núbia Gomes (2018), o olhado afeta especialmente os adultos e, na tradição dos benzimentos, é compreendido como um “quebramento do corpo”. Esse fenômeno ocorre quando uma pessoa é alvo de um olhar carregado de fascínio, admiração ou inveja. Acredita-se que esse tipo de olhar possa causar sintomas como mal-estar, cansaço, dores no corpo e distúrbios que afetam o equilíbrio físico e espiritual. Quando o mau-olhado é direcionado às crianças, ele é conhecido popularmente como quebranto. Os sinais de quebranto incluem amolecimento do corpo, choro constante, falta de apetite, tristeza, olhos pesados e sonolência (Pereira, 2018, p. 159).

⁸ A benzedeira Lurdinha Santos utilizou a expressão vento caído para designar uma condição que afeta crianças menores de um

amplamente reconhecida por suas propriedades espirituais, sendo frequentemente empregada em diversas culturas para afastar energias negativas e proporcionar proteção. Em suas rezas pelos adultos, ela faz uso do terço, um símbolo católico intrinsecamente ligado a pedidos de proteção, cura e intercessão divina. A recitação de orações em voz alta reforça o poder da palavra e da fé, aspectos centrais na atuação das benzedeiras.

Além disso, quando julga necessário, a benzedeira Lurdinha Santos recomenda banhos de ervas e sal grosso aos adultos, como uma forma de purificação espiritual e de restauração do equilíbrio emocional. Suas práticas — que envolvem o uso de plantas, o terço e os banhos — representam uma harmoniosa combinação entre fé, natureza e tradição, evidenciando a sabedoria ancestral que se mantém viva nas práticas das benzedadeiras, perpetuando uma herança cultural rica e significativa.

A prática espiritual de Lurdinha Santos envolve uma conexão com a natureza e o uso de plantas medicinais e espirituais. No quintal de sua casa, ela cultiva ervas terapêuticas, como capim-santo, arruda, erva-cidreira e alecrim, que são utilizadas na preparação de chás e banhos de purificação. O capim-santo é usado para combater insônia e ansiedade; a arruda, para proteção espiritual e combater mau-olhado; a erva-cidreira, como calmante, ajudando a manter o equilíbrio emocional; o alecrim estimulante, para o corpo/mente e para limpeza energética. Lurdinha Santos incorpora em seu ofício a sabedoria das benzedadeiras, que alia rezas, orações e a manipulação de plantas para promover a cura espiritual e o bem-estar integral.

A benzedeira Lurdinha Santos, devota de São Cosme e São Damião – santos gêmeos no catolicismo e Ibejis no Candomblé –, celebra sua fé todos os anos, em setembro, com a oferta do caruru. Essa prática vai além de sua espiritualidade pessoal, sendo uma expressão coletiva que movimenta a comunidade de Lagedo de Pau D’Arco. A festa teve início com o som vibrante dos atabaques, envolvendo as mulheres e os homens em canto e dança. Depois, a mesada das crianças foi preparada com alimentos tradicionais da culinária sertaneja, oferecidos em devoção aos santos católicos. Quando o ritmo dos tambores e dos instrumentos – como pandeiros e violões – chegou ao fim, iniciou-se um novo momento com rezas católicas.

ano, caracterizada por medo, espanto e choro constante, sem causa aparente. Na sabedoria popular, esse estado não é explicado apenas por fatores fisiológicos, mas é compreendido como uma perturbação espiritual decorrente da exposição a influências negativas, como sustos, energias ruins ou mau-olhado.

Para a realização do caruru, Lurdinha Santos preparou comidas e os doces ofertados às crianças. Na sala de sua casa, estendeu um lençol florido no chão, onde os pequenos se acomodaram para receber os pratos servidos com feijão, arroz, macarrão, salada de beterraba com cenoura e galinha cozida, acompanhados de suco. No centro da sala, um quadro com a imagem de São Cosme e São Damião estava posicionado com destaque. Em um canto do espaço, um altar reunia outras imagens sacras, incluindo as dos gêmeos católicos e de Nossa Senhora Aparecida, cercadas por velas, guias, pequenos jarros de flores artificiais e um frasco de alfazema. O encerramento do ritual conhecido como mesada ocorreu quando a benzedeira lavou as mãos das crianças e retirou tanto o lençol quanto o que restava das refeições servidas.

As rezas e as celebrações do caruru realizadas na casa da benzedeira Lurdinha Santos, em Lagedo de Pau D'Arco, promovem a união da comunidade no sertão. Esses ritos, que integram tradições do Catolicismo, do Candomblé e da Umbanda, traduzem formas de viver e crer do povo sertanejo, com ênfase na experiência da população negra. Ela também costuma realizar as rezas na sua casa no dia 12 de outubro, dia dedicado a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil. Esses encontros são momentos de fortalecimento da fé, comunhão e alegria, festejados com músicas cantadas e tocadas por reiseiros.

Lurdinha Santos cultiva com orgulho suas raízes afro-indígenas, valorizando a herança cultural transmitida por gerações. Sua identidade como mulher negra quilombola se manifesta através do seu ofício de benzer e em sua religiosidade, que integra elementos do Catolicismo, do Candomblé e da Umbanda. Essas práticas refletem uma resistência consciente às estruturas sociais excludentes que historicamente marginalizaram populações negras e indígenas no Brasil. Ao se definir como cabocla, a benzedeira abraça sua dupla ascendência, conectando-se tanto às memórias indígenas de seu pai e avô quanto à tradição afro-brasileira, preservada e fortalecida pelas resistências e lutas na comunidade quilombola de Lagedo de Pau D'Arco, no município de Lapão.

“Eu rezo todo mundo, todo mundo fica feliz!” (informação verbal, 2022). A ação de benzer, rezar, assim como tocar, cantar e ser reiseira são expressões de resistência de Lurdinha Santos às opressões vividas como mulher negra e ex-trabalhadora rural. Em um mundo marcado por dores e injustiças sociais, essas práticas reafirmam não apenas sua identidade espiritual e cultural, mas também sua capacidade de transformar sofrimento em cura, celebração e arte. Ela inventa outros mundos pelo movimento da própria vida,

na luta constante contra a dor e a morte. Ela cultua seus orixás, santos e entidades e mantém sua devoção a Deus, nutrindo-se da fé e da alegria de viver, que diariamente a fortalecem nesse pedacinho do sertão, na comunidade quilombola de Lagedo de Pau D'Arco, município de Lapão, interior da Bahia.

















A TRAJETÓRIA DA BENZEDEIRA DIRA SANTANA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LAGEDO DE PAU D'ARCO, LAPÃO-BA

Eu rezo, eu sou benzedeira.

Se chegar uma pessoa pra rezar e eu falar que não posso e podendo, eu já adoeço. É, eu adoeço.

E também eu sou feliz de rezar as minhas pessoas. Eu gosto de rezar, de ensinar remédios, remédio caseiro.

Tenho minhas hortas. Eu gosto muito de plantas. Se eu pudesse, meu quintal era um jardim. Adoro plantas (Dira Santana, informação verbal, Lagedo de Pau D'Arco, junho de 2022).

Com determinação, Vandiraci Santana de Souza, conhecida como Dona Dira, declarou: “Eu rezo, eu sou benzedeira” (informação verbal, 2022), posicionando-se como mulher negra e benzedeira no povoado de Lagedo de Pau D'Arco, no município de Lapão, na Bahia. Aos 74 anos, Dira Santana é casada, tanto no religioso quanto no civil, com Antônio Francisco de Souza, filho da parteira Carmosina Gomes de Oliveira, e é mãe de seis filhos, tem netos e bisnetos. Com orgulho, afirmou: “Eu sou uma mulher negra, quilombola, daquelas de sapatear os pés” (informação verbal, 2024).

O Lagedo de Pau D'Arco foi reconhecido como comunidade quilombola em 2011 pela Fundação Cultural Palmares. Situado no município de Lapão, o povoado possui uma rica tradição religiosa, marcada pela presença de agentes de cura, como rezadores, benzedeiros e curadores, entre eles o memorável Alípio Joaquim da Silva. Dira Santana declarou que não chegou a conhecê-lo, pois, quando passou a morar no povoado, ele já havia partido, mas relatou ter ouvido muito sobre sua fama como curador.

Não conheci Alípio, quando eu cheguei aqui, ele já tinha saído. Eu sei da origem dele, que ele era uma pessoa que labutava com o espiritismo, cura, ele era curador. Ele tratava de pessoas loucas. Podia soltar lá na Aguada Nova que ele fazia chegar nos pés dele aí. Essas histórias a gente ouviu muito pelas pessoas, pela mulher dele, Dona Antônia. Mas quando a gente chegou aqui, ele não morava mais (Dira Santana, informação verbal, Lagedo de Pau D'Arco, setembro de 2024).

Dira Santana é natural de Morro de Chapéu, Bahia, do atual distrito de Angelim. Filha de José Santana Neto e Júlia Santana, nasceu em 1º de outubro de 1951, sendo um dos dois filhos do casal. Ela migrou para a comunidade rural de Lagedo de Pau D'Arco, no Lapão, quando tinha aproximadamente 18 anos, por volta de 1969. Ao falar sobre as origens étnicas de seus pais, relatou que sua mãe tinha descendência indígena e seu pai era um homem preto, pertencente à família Santana de Santo Amaro, no Recôncavo Baiano.

Ao recordar o convívio com os pais, Dira Santana expressou dor associada a essas memórias, destacando a dependência alcoólica de sua mãe e as constantes brigas entre o casal, o que tornava o convívio familiar conflituoso. “Meus pais não conseguiram viver. Eles chegaram a viver até quando eu tinha cinco anos e meu irmão quatro anos. A vida familiar não era boa. Eles tinham uma vida muito atribulada” (informação verbal, 2024). Na devoção a Nossa Senhora Aparecida, Dira Santana encontrou o amor materno que sentiu falta durante sua infância, afirmando: “A Nossa Senhora Aparecida é uma mãe que não tive aqui de quando eu nasci” (informação verbal, 2022).

Dira Santana descreveu uma infância marcada pelo abandono, intensificado pela separação dos pais e pela mudança, entre os anos de 1959 e 1960, para Tapiramutá, na Bahia, onde foi morar com sua mãe e seu irmão. Contudo, devido à dependência de álcool, sua mãe não conseguiu cuidar dos filhos, e ela foi morar com os padrinhos. Desde muito cedo, ainda menina, foi posta para exercer atividades de trabalho exaustivas. Assim como o eu lírico da poesia *Todas as manhãs*, de Conceição Evaristo (2021), Dira Santana carrega uma “agudíssima dor” entre “a unha e a carne”, uma dor que parece irromper cotidianamente em sua vida.

A experiência de dor de Dira Santana resultou das condições raciais e sociais, imersa em uma realidade concreta de pobreza, desestruturação familiar e trabalho indigno, desde a infância até a vida adulta. Condições estruturais de raça, classe e gênero impactam a vida dos indivíduos racializados, principalmente meninas e mulheres negras. O sofrimento que ainda marca sua vida não é apenas de ordem subjetiva; ele é fruto das condições de existência em um sistema que continuamente expõe corpos negros às dinâmicas de exploração, relegando-os às margens da sociedade. Como afirma a historiadora e antropóloga Lília Moritz Schwarcz: “O negro foi exposto a um mundo social que se organizou para os segmentos privilegiados da raça dominante” (Fernandes, p.33).

No artigo *Discriminação: realidade racial*, do livro *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*, Abdias Nascimento aponta a centralidade do fator racial na determinação das desigualdades sociais e econômicas no Brasil, descrevendo como o racismo impacta a vida de indivíduos negros desde a infância até a vida adulta. As vivências de Dira Santana ilustram bem essa condição: como menina negra, ela foi submetida a uma série de privações, enfrentando obstáculos que limitaram suas oportunidades de educação e ascensão social. Desde a infância, foi obrigada a trabalhar. Em entrevista, declarou: “Não ganhava nada não, esses trabalhos tudo que eu trabalhei, eu não recebia nada, só a comida e o chinelinho para botar nos pés” (informação verbal, 2024).

Aos 17 anos, enquanto trabalhava como babá para uma família em Morro de Chapéu, na Bahia, Dira Santana foi alfabetizada pelo padre Juca⁹ na Igreja Católica. Até então, nunca havia tido a oportunidade de estudar, sendo privada do direito à educação durante toda a infância e adolescência. Esse episódio representa um problema mais profundo da sociedade brasileira: a desumanização da população negra, perpetuada por processos de exclusão e racismo.

Eu só estudei quando eu morava em Morro de Chapéu. Eu estudei só até o primeiro ano. Eu estudava sempre à noite. Eu fui alfabetizada à noite, eu trabalhava de dia e estudava pela noite. Estudei na Igreja Católica do Morro de Chapéu com o padre Juca. A maioria das empregadas que queria estudar, estudava de noite, na igreja. O padre Juca era o professor. Ele era um bom professor, era professor de colégio de Morro de Chapéu. Eu fui alfabetizada com ele, juntamente com outras mulheres. Eram todas trabalhadoras de casa de família. A gente estudava de noite, ia das 7h até as 9h. Eu sei escrever meu nome, ler umas coisas, se eu entrar numa rua eu não me perco, o que eu sei foi tudo isso (Dira Santana, informação verbal, Lagado de Pau D’Arco, setembro de 2024).

⁹ Padre Juca, cujo nome de batismo era José Soares França (1912-2000), foi uma figura de destaque no município de Morro do Chapéu, Bahia, onde se dedicou cerca de cinquenta anos à vida religiosa, social e política. Sua atuação na cidade, entre 1947 e 1997, foi marcada por sua liderança como sacerdote e por sua contribuição ao desenvolvimento educacional e político local. Disponível em: <https://www.adourado.com.br/morro/pagina/428>. Acesso em: 20 out. 2024

Aos 18 anos, em 1969, Dira Santana foi morar com o pai, José Santana, e sua esposa, Elvira Gomes, em Duas Barras de Utinga, na Bahia. Mais tarde, a família inteira migrou para a comunidade rural de Lagedo de Pau D'Arco, no distrito de Lapão-BA¹⁰, onde parte da família de sua madrastra residia. Ela recordou que, na época, o lugar era muito pequeno, cercado de mato e com poucas casas. Lembrou-se também de que seu pai recebeu apoio de Hermenegildo José Ferreira, do povoado do Casal, que lhes concedeu uma casa de taipa para morarem.

Lagedo de Pau D'Arco era um lugar pequeno. Era mato, ao redor daqui era tudo mato. O finado Gildo do Casal foi quem deu a primeira casa a meu pai pra morar aqui. Ele é dos Melados. A casa era de taipa. Era de três cômodos: um quarto, a salinha, a cozinha e tinha um depósito que a porta era pro lado de fora. Morava eu, meu pai e Elvira (Dira Santana, informação verbal, Lagedo de Pau D'Arco, setembro de 2024).

Na década de 1970, Lagedo de Pau D'Arco exemplificava a realidade de muitas comunidades rurais brasileiras: uma vida social ligada aos ciclos da natureza e marcada pela carência de recursos essenciais. A maioria das moradias era composta por casas de taipa, e a população local dependia de tanques naturais e cacimbas para obter água. A economia baseava-se na agricultura de subsistência, com foco no cultivo de feijão e milho. As famílias mais abastadas possuíam gado, como foi o caso de um dos pioneiros do lugar, Olegário Marques de Souza, um homem branco.

O acesso à água era uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos moradores de Lagedo de Pau D'Arco. Durante o período de chuvas, os tanques se enchiam, mas, na seca, era preciso buscar água nas cacimbas, onde a qualidade nem sempre era adequada, pois a água disponível era muito salgada, o que indicava problemas

¹⁰ De acordo com o memorialista Jackson Rubem, no livro *Lapão, Cem Anos de História*, o município de Caraíbas foi criado em 2 de agosto de 1926, ao desmembrar-se de Morro do Chapéu, passando a se chamar Irecê. Lapão, por sua vez, tornou-se um povoado de Irecê e foi elevado à categoria de distrito em 1955. Em 1985, Lapão alcançou a emancipação política, tornando-se município. As comunidades rurais de Casal, Volta Grande, Lagoa dos Patos, Aguada Nova e Lagedo de Pau D'Arco, mencionadas pela benzeadeira Dira Santana em entrevistas, estavam culturalmente vinculadas a Lapão, embora pertencentes territorialmente a Irecê. Jackson Rubem afirma que as fundações de Volta Grande e Lagoa dos Patos ocorreram em meados do século XIX, organizadas por homens e mulheres escravizados que fugiram do regime escravocrata. Aguada Nova foi formada em 1921, enquanto Casal e Lagedo de Pau D'Arco surgiram em 1932 (Santos, 2010).

para o consumo prolongado e outras necessidades domésticas. Dira Santana lembrou esses tempos: “A água a gente conseguia nos tanques, nas cacimbas. Buscava água no Casal, quando chovia tinha os tanques que enchia de água e quando não chovia, tinha as cacimbas no Casal” (informação verbal, 2024).

Embora hoje se busque desconstruir o estereótipo de um sertão marcado exclusivamente pela seca e pela miséria, não se pode ignorar a realidade árdua de viver no semiárido baiano entre as décadas de 1960 e 1980. Nesse período, a vida era fortemente marcada pela dependência dos ciclos climáticos e pela falta de infraestrutura básica, como acesso a água potável e a serviços de saúde, transporte e educação. Dira Santana, ao narrar suas vivências como mulher negra, mãe, trabalhadora rural e doméstica, lembrou as dificuldades enfrentadas por sua família e pelos moradores de Lagedo de Pau D’Arco para conseguirem água. Em seu relato, ela descreveu como seu marido, Antônio Souza, buscava sustento “rastando dorna, pegando água” e enfrentando, junto com a comunidade, o desafio de lidar com a água salobra das cacimbas. “A água era salgada. Era muito difícil; hoje nós tamo no céu” (informação verbal, 2024).

Dira Santana narrou as caminhadas em busca de água das chuvas para realizar atividades do dia a dia, especialmente para lavar roupa. Ela contou que, junto a outras mulheres de Lagedo de Pau D’Arco, precisava se deslocar até Casal, Lagoa dos Patos e até o Criminoso¹¹ em Aguada Nova, comunidades rurais de Lapão. Lembrou também dos deslocamentos de madrugada até a vereda de Volta Grande, perto do município de Canarana-BA. Ao falar sobre essas vivências, Dira Santana demonstrou alegria e evidenciou como o povo sertanejo ficava feliz com a chegada do tempo das chuvas.

A gente ia mais no Casal, pois lavava roupa lá. Pegava água na cabeça ou de dorna. Quando as lagoa secava aqui, a gente ia lavar roupa no Casal.

Nós saía daqui e ia lavar roupa na vereda, na Volta Grande. Ajuntava um bocado de mulher, juntava nós todas e ia, pegava o jegue e botava as bruacas em cima, botava comida e ia tudo pra vereda, saía daqui de madrugada,

¹¹ O Vale da Esperança, ainda conhecido como Criminoso, é uma lagoa natural situada no distrito de Aguada Nova, no município de Lapão, Bahia. Formada pelo acúmulo de águas das chuvas, essa lagoa desempenhou um papel essencial na vida dos primeiros moradores de diversos povoados. Historicamente, era utilizada para lavar roupas e fornecer água para os animais, tornando-se um recurso indispensável para a subsistência das famílias nas comunidades rurais.

3h da manhã, descia aqui, saía na Aroeira, na Aroeira dobrava, passava no Mosquito, passava do Mosquito e entrava lá e descia direto para a vereda. Quando chegava lá a vereda cheia de água. Desarrumava o jegue, tirava os trem e botava lá e ainda encostava nas cangaia pra cochilar, para o dia amanhecer, pra ir lavar roupa. Mas era assim mesmo. Outra vez quando a lagoa dos Patos ficava cheia, aí nós ia lavar roupa lá. Saía de madrugada pra ir lavar roupa na Lagoa dos Patos. Na Aguada Nova, no Criminoso, saía daqui cedinho, torava aqui, saía na Salgada e ia lavar roupa em Aguada Nova. No Criminoso era muita água (Dira Santana, informação verbal, Lagedo de Pau D’Arco, setembro de 2024).

Desde 1969, Dira Santana reside em Lagedo de Pau D’Arco, onde constituiu sua família. Durante sua trajetória, atuou como parteira, desempenhando um papel social significativo, e continua, até os dias atuais, a exercer seu ofício como benzedeira. Orgulha-se de sua identidade como mulher negra e quilombola, e esse orgulho configura-se como resistência e reafirmação de suas raízes culturais e religiosas. Consciente de seu papel cultural e político, ela se dedica à preservação e à transmissão das tradições afro-brasileiras que fortalecem a memória coletiva de sua comunidade quilombola.

Quando questionada sobre seu ofício como benzedeira, Dira Santana contou que, aos 19 anos, no ano de 1970, começou a sofrer desmaios, vertigens e entrou num processo de adoecimento. Apesar de procurar atendimento médico, não encontrou solução para os problemas. Ela decidiu, então, direcionar suas buscas pela restauração da saúde para o campo espiritual. Percorreu casas de benzedores e curadores, até chegar à Lagoa do Gaudêncio, onde encontrou ajuda com o curador Napim¹². Foi por meio dele que sua missão de benzer foi revelada, assim como seu papel social de atuar como parteira.

¹² Napoleão Alves de Souza, conhecido como Seu Napim, é uma figura central na religiosidade e na preservação das tradições culturais da comunidade quilombola Lagoa do Gaudêncio, localizada no município de Lapão, Bahia. Fundador e líder do Terreiro de Umbanda Ogum de Ronda, simboliza a interseção entre espiritualidade, resistência cultural e práticas de cura com raízes profundas nas tradições afro-brasileiras. Nascido em 25 de abril de 1942, Seu Napim iniciou sua trajetória como curador aos 23 anos, desempenhando o papel de mediador entre os planos físico e espiritual. Sua atuação é marcada pelo cuidado comunitário, ajudando as pessoas em momentos de dificuldade, seja no âmbito físico, emocional ou espiritual. Uma das práticas mais significativas lideradas por Seu Napim é a celebração anual do caruru em homenagem a São Cosme e Damião, conhecidos como Ibejis no Candomblé. Essa festividade transcende o caráter religioso, tornando-se um momento de integração comunitária, onde fé, cultura e memória coletiva se entrelaçam, reafirmando os laços identitários e fortalecendo a ancestralidade afro-brasileira. Fonte: portfólio criado pelo produtor cultural Joédson Gomes para os editais da Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar Nº 195/2022) e da Política Nacional Aldir Blanc (PNAB, Lei Nº 14.399/2022), apresentados, respectivamente, nos anos de 2023 e 2024, em processos seletivos no campo cultural da Prefeitura Municipal de Lapão-BA.

A minha história é que eu tinha 19 anos, eu tinha umas vertigens, caía muito, ficava muito machucada, depois a gente foi na casa de uns benzedor e por este meio aí, eles descobriram que eu tinha uma missão pra fazer. E que eu tinha que continuar esta missão. A missão minha é a que eu cuido. E tive também, apresentou pra mim ser parteira, pegar crianças e aí era uma coisa que eu gostava, dentro de mim mesma (Dira Santana, informação verbal, Lagedo de Pau D'Arco, setembro de 2022).

A narrativa de Dira Santana ilustra como experiências de adoecimento e cura podem ser interpretadas sob a perspectiva da hierofania, isto é, da manifestação do sagrado. Em seu relato, a enfermidade emergiu como um marco de transformação pessoal e espiritual. A doença não apenas interrompeu a normalidade da vida cotidiana, mas também abriu espaço para uma conexão com sua espiritualidade. Foi assim que ela aceitou a sua missão, culminando na atuação como parteira e benzeadeira em Lagedo de Pau D'Arco.

Dira Santana relatou ter atuado como parteira por aproximadamente dez anos. Sua formação e construção de conhecimentos nesse ofício ocorreram a partir da convivência com Carmosina Gomes de Oliveira¹³, uma experiente parteira de Lagedo de Pau D'Arco. Segundo Dira Santana, ela frequentemente acompanhava sua sogra na realização de partos nas comunidades rurais de Casal, Aroeira, Lagedo de Eurípedes e Lagoa do Gaudêncio, além de participar de cursos oferecidos pela Igreja Católica em Irecê, Bahia. Essas práticas de cuidado, associadas à atuação como agentes de saúde, revelam como as vivências compartilhadas e as redes de aprendizagens comunitárias foram fundamentais em momentos tão significativos quanto o do parto, especialmente em comunidades rurais negras.

Eu sou uma pessoa que fiz partos que quando chegava lá em Irecê no hospital, o médico dizia: “Como a senhora conseguiu? Porque do jeito que foi a situação, nós aqui mesmo não sabia se a mãe ou o filho morria”. E chegou a posição de eu salvar a vida da mãe e do filho. E graças a Deus, eu ficava muito feliz. Toda vida eu fui feliz em fazer isto! (Dira Santana, informação verbal, Lagedo de Pau D'Arco, setembro de 2022).

¹³ De acordo com Dira Santana e Antônio Souza, Cilira Maria do Espírito Santo, uma mulher indígena e avó de Carmosina Gomes de Oliveira, desempenhou um papel essencial na preservação e transmissão de saberes tradicionais. Foi através dela que Carmosina Oliveira aprendeu o ofício de partejar, herdando não apenas técnicas, mas também o compromisso com o cuidado comunitário, tal como colocado em prática por parteiras. Esse legado ressalta a ancestralidade indígena como fonte de conhecimento prático e espiritual, que valoriza a conexão com os ciclos da vida e o papel da natureza nos processos de cura e nascimento.

A transmissão de saberes intergeracionais no ofício de partejar, exemplificada pela relação entre Carmosina Gomes de Oliveira e Dira Santana, mulheres negras, destaca-se como uma prática central em comunidades rurais, especialmente entre povos quilombolas e indígenas. Esse processo ressalta a relevância da tradição oral, dos saberes e das ações de cuidado compartilhadas entre mulheres. Conforme definido pelo dossiê *Parteiras Tradicionais do Brasil*, elaborado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)¹⁴, as “parteiras tradicionais são mulheres mestras do ofício de partejar, detentoras de um repertório de saberes e práticas ancestrais acerca da gestação (pré-natal, parto e pós-parto), transmitido de modo doméstico e familiar [...]” (2021, p. 13).

Dira Santana encontrou no desejo de ajudar as pessoas a força que sustenta sua vida. Ela descreveu com emoção a alegria que sente ao rezar por quem busca sua ajuda em Lagedo de Pau D’Arco. Além de suas orações, ela compartilha conhecimentos sobre o uso fitoterápico de ervas, perpetuando saberes que entrelaçam ciência e espiritualidade. Sua fé é moldada em religiões como o Catolicismo, o Candomblé, a Umbanda e no Espiritismo. Com plena consciência de sua herança afro-brasileira, Dira Santana se empenha em manter vivas as tradições e memórias do povo negro.

Dira Santana, benzedeira experiente, dedica-se ao cuidado de crianças e adultos que enfrentam males como mau-olhado, dores físicas e problemas espirituais. Sua prática combina elementos de oração e fitoterapia, utilizando ramos verdes como o são-joão e o pinhão roxo, elementos que acredita serem eficazes no processo de cura. Além de sua prática espiritual, ela cultiva um profundo interesse pelo uso medicinal das plantas, como relatado por ela mesma:

A oração que eu mais uso é de mau olhado. É o que eu mais uso. E pra gente grande é oração quando a pessoa tá com algum problema, dor na cabeça, uma coisa assim. E tem a oração de Nossa Senhora,

¹⁴ No dia 9 de maio de 2024, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) oficializou o reconhecimento do Ofício, Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais do Brasil como patrimônio cultural imaterial. O ofício de partejar é compreendido como um bem cultural, um patrimônio que representa os saberes e conhecimentos de mulheres em diferentes regiões do Brasil. No município do Lapão, na Bahia, destaca-se o legado de mulheres, principalmente negras, que atuaram como parteiras. Nomes como Francisca Maria de Oliveira, a Mãe Chica, Antônia Rosa de Jesus, Carmosina Gomes de Oliveira, Vicença Maria da Conceição e Salustiana, esposa de Fernando Oliveira, entre outros, são representativos de histórias e memórias que precisam ser registradas e preservadas através de políticas culturais e patrimoniais por parte do poder público municipal lapoense.

tem muita oração que eu tenho na cabeça, não posso nem dividir. Eu leio também, eu tenho um livro de medicina das plantas. Quando a gente precisa de um remédio, a gente vai no livro olhar qual é a serventia que aquela planta tem pra não fazer mal. A gente achando a planta certa, a gente faz aquele chá e toma. E tem hora que eu tenho pela minha cabeça mesmo, dom de Deus (Dira Santana, informação verbal, Lagedo de Pau D'Arco, setembro de 2022).

Em entrevista, Dira Santana manifestou carinho por suas plantas, com as quais afirmou até conversar. Seu quintal, que ela sonha transformar em um jardim, é repleto de espécies variadas que combinam uso medicinal e espiritual, como: erva-cidreira, erva-doce, hortelã miúdo e graúdo, acerola, pitanga, capim-nagô, capim-santo, coentro, romã, arruda, losna e ora-pro-nóbis. O uso que faz dessas plantas é fundamentado tanto em saberes tradicionais quanto na literatura medicinal, revelando uma integração entre a cultura e o ambiente natural. Essa interação exemplifica a importância de práticas tradicionais na valorização do patrimônio cultural imaterial, enquanto reforça a necessidade de preservar a flora regional, que desempenha papel essencial nas tradições de cura e espiritualidade na comunidade quilombola de Lagedo de Pau D'Arco.

Na intimidade de seu lar, a benzedeira Dira Santana preserva um espaço sacro no qual mantém seu altar. No centro da mesa, destaca-se a imagem de Nossa Senhora Aparecida, símbolo central de sua devoção. Ao redor da santa, dispõem-se estatuetas de gesso e quadros representando São Cosme e Damião, Santa Luzia, Padre Cícero, Maria, José e o Menino Jesus, além de outra imagem de Nossa Senhora. Complementando esse espaço de fé, encontram-se uma guia com contas brancas e azuis, e uma concha, elementos que simbolizam a orixá Iemanjá. Ela também cultua São Jorge Cavaleiro da Umbanda, cuja força e proteção reverenciam em suas práticas religiosas. Para enriquecer o altar, ornamentou com plantas naturais, flores artificiais azuis, uma sineta e um cachimbo. As velas, acesas durante os momentos de orações e rezas, completam esse ambiente de devoção.

Praticamente todos os anos, a benzedeira Dira Santana organiza uma celebração religiosa em sua residência no dia 12 de outubro, data que reverencia Nossa Senhora Aparecida. Esse momento especial é dedicado para rezas e orações, além de homenagear a santa e as crianças. A celebração reúne familiares e integrantes da comunidade quilombola de Lagedo de Pau D'Arco, especialmente mulheres e seus filhos, que

participam dessa confraternização marcada pela fé e pelo espírito de união. Ela compartilhou que suas filhas têm o costume de preparar o bolo para a festa e os doces são distribuídos às crianças, tornando o evento ainda mais especial. Esses encontros não apenas expressam a devoção religiosa, como também contribuem para a reafirmação de crenças e valores compartilhados, fortalecendo o senso de pertencimento e a identidade coletiva da comunidade.

Todas as manhãs
Todas as manhãs acoito sonhos
e acalanto entre a unha e a carne
uma agudíssima dor.
Todas as manhãs tenho os punhos
sangrando e dormentes
tal é a minha lida
cavando, cavando torrões de terra,
até lá, onde os homens enterram
a esperança roubada de outros homens.
Todas as manhãs junto ao nascente dia
ouço a minha voz-banzo,
âncora dos navios de nossa memória.
E acredito, acredito sim
que os nossos sonhos protegidos
pelos lençóis da noite
ao se abrirem um a um
no varal de um novo tempo
escorrem as nossas lágrimas
fertilizando toda a terra
onde negras sementes resistem
reamanhecendo esperança em nós.¹⁵

¹⁵ EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2021, p. 13.

A trajetória de Dira Santana, como símbolo da luta e resistência das mulheres negras em contextos rurais brasileiros, ecoa a força que atravessa gerações de mulheres que enfrentaram e ainda enfrentam dimensões da opressão de raça, gênero e classe. Com os “punhos sangrando e dormentes”, meninas e mulheres negras resistem ao trabalho extenuante nas roças, nas lavouras irrigadas e nas casas de família, onde os homens “enterram a esperança roubada de outros homens” – perpetuando condições indignas de trabalho, heranças do violento processo de escravização e colonialismo. Com marcas indeléveis nos corpos e almas, elas resistem como “negras sementes”, que, marcadas pela dor, reafirmam cotidianamente suas identidades e lutam contra as desigualdades históricas e sociais, fazendo reamanhecer suas esperanças.

Dira Santana tem plena consciência de que, em todos os dias de sua vida, trava o bom combate. Ao se afirmar como mulher negra, quilombola, parteira e benzedeira, desafia as estruturas de uma sociedade racista e luta pelo respeito à sua identidade cultural e religiosidade. Em sua trajetória, compartilha com outras mulheres a tarefa do cuidado, construindo uma rede de solidariedade feminina que orienta, acolhe e fortalece. Atendendo jovens mães que buscam suas bênçãos para os filhos, a benzedeira não apenas reza e aconselha, mas também reforça laços comunitários, transmitindo saberes que carregam séculos de resistência e conhecimento ancestral.

Por aproximadamente uma década, Dira Santana exerceu o ofício de parteira, reconhecendo-se como uma guardiã de práticas ancestrais, essenciais para a preservação dos saberes e fazeres da comunidade quilombola de Lagedo de Pau D’Arco. Em suas mãos calejadas, encontram-se não apenas as marcas de um sistema opressor que perpetuou a exploração, mas também a força e a sensibilidade de quem nutre, cura e sustenta redes inteiras de solidariedade, especialmente entre mulheres negras. Atualmente, seu ofício de benzedeira vai além do ato de benzer: ele se torna um símbolo da resistência cultural e espiritual que conecta o passado e o presente, representa um patrimônio cultural que transcende gerações e fortalece a continuidade das tradições religiosas afro-brasileiras no sertão baiano.

















A TRAJETÓRIA DA BENZEDEIRA LÍDIA CONCEIÇÃO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LAGEDO DE EURÍPEDES, LAPÃO-BA

Eu sou negra.

Tenho orgulho de ser benzeadeira, foi um dom que Deus me deu. Todo dia eu agradeço a Deus.

Eu tenho orgulho comigo, meu Deus! Eu pensava de eu não ser gente, mas eu sou gente. E sou amada, eu não tenho má querência com ninguém (Lídia Conceição, informação verbal, Lagedo de Eurípedes, outubro de 2024).

Lídia Maria da Conceição, mulher negra, quilombola e benzeadeira, celebra a vida em todos os momentos. A vivacidade dos seus 78 anos encoraja e encanta, revelando sua força criativa e sua fé inabalável. Com sabedoria e firmeza, dedica-se com afinco aos papéis sociais como esposa, mãe e avó. Casada com Deusdete Nazaré, neto de Gaudêncio da Lagoa¹⁶, teve 12 filhos. Ela é uma força viva que mantém e agrega toda a sua família. Assim como o eu-lírico da poesia *Eu-mulher* de Conceição Evaristo, Lídia Conceição é o “Eu fêmea-matriz. Eu força-matriz. Eu-mulher abrigo da semente moto-contínuo do mundo” (Evaristo, 2021, p. 23).

Lídia Maria da Conceição nasceu em 26 de dezembro de 1946 na Lagoa do Gaudêncio, comunidade negra rural vinculada a Lapão, na Bahia. Filha de Maria Clarinda da Silva e Rosalvo Antonio do Nascimento¹⁷,

¹⁶ De acordo com Jackson Rubem, no livro *Lapão, Cem Anos de História*, a Lagoa do Gaudêncio, anteriormente chamada de Lagoa Achada e, posteriormente, conhecida como Lagoa dos Negros, constituiu-se a partir do ano de 1905. Relata-se que homens que caçavam pela caatinga ouviram cantigas de sapos, abriram caminho e, assim, encontraram uma lagoa. Esse evento levou ao deslocamento de homens e mulheres para o local. Segundo o periodista, as migrações ocorreram a partir de lugares como Seabra, Palmeiras, Ibupiará, Macaúbas e Lençóis. Ele também destaca a migração de ex-escravizados provenientes de Salvador (SANTOS, 2010, p. 351). O nome do lugar faz referência a um morador, Gaudêncio Alves de Souza, um homem negro, representante político e lide-rança da comunidade negra (DOURADO, 2017, p. 71).

¹⁷ No livro *Lapão, Cem Anos de História*, de Jackson Rubem, há uma referência a Rosalvo Antônio do Nascimento, pai de Lídia Maria da Conceição. A obra inclui uma pequena foto dele e registra informações importantes sobre sua trajetória de vida. Ele nasceu em 1918 e, ainda jovem, deslocou-se com seus irmãos para Lençóis, em busca de melhores condições de vida e oportunidades de trabalho. Em 1932, é mencionado o retorno de Rosalvo Nascimento da região da Chapada Diamantina para a Lagoa dos Patos e,

sua mãe migrou de Seabra, e seu pai, de Palmeiras, ambos municípios baianos. O casal teve 12 filhos. Lídia Conceição contou que, aos 10 anos, foi morar em Lagedo de Eurípedes, na casa do seu tio, Luís Antonio do Nascimento, conhecido como Chico Vermelho. “Eu saí da Lagoa com 10 anos e vim morar aqui com meu tio. Me criei aqui, fiquei moça aqui e me casei aqui” (informação verbal, 2024).

Ao revisitar sua origem familiar e sua infância, Lídia Conceição não deixou de expor as dores vividas como criança no sertão baiano. Ela lembrou a pobreza extrema e o trabalho pesado que realizava na roça a partir dos 10 anos. Tudo o que conseguia juntar, fosse dinheiro ou mantimentos, era destinado a ajudar seus pais e irmãos à sobrevivência na Lagoa do Gaudêncio. Com voz tranquila, mas carregada de determinação, ela refletiu sobre as condições de exploração que enfrentou e declarou, com clareza: “Eu vivia como escrava. Morei com meu tio, comendo o pão que o diabo amassou” (informação verbal, 2024).

Essas palavras ecoam quanto à realidade de muitas mulheres negras e quilombolas, cujas infâncias foram marcadas pelo trabalho árduo e pela pobreza. Ao comparar o peso de seu trabalho à escravidão, Lídia Conceição denuncia a perpetuação de desigualdades raciais, de classe e de gênero que continuam a estruturar a sociedade brasileira. Sua reflexão encontra respaldo na análise da filósofa Angela Davis. Em *Mulheres, raça e classe*, a autora ela afirma que “o enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão” (Davis, 2016, p. 17). Na história de vida da benzedeira, o trabalho na roça, desde a infância até a vida adulta, não se restringiu à mera sobrevivência econômica. Foi também um mecanismo de opressão que moldou sua identidade e subjetividade, perpetuando padrões históricos que ainda impactam as comunidades quilombolas e negras no Brasil.

Desde cedo, Lídia Maria da Conceição aprendeu que resistir era essencial para sobreviver. A dureza da vida no sertão baiano a transformou em uma mulher forte e cheia de esperança. Sua rotina, tanto na infância quanto na vida adulta, era marcada por tarefas como “puxar água na cacimba, alimentar os animais

posteriormente, para a Lagoa do Gaudêncio. Na página 350 do mesmo livro, encontramos fotos de duas mulheres negras, identificadas nas legendas como Maria Clarinda da Silva, conhecida como Bui, mãe de Lídia Maria da Conceição, e Maria da Conceição, conhecida como Beata. Essas referências e imagens reforçam a conexão entre a história da família de Lídia e a formação social e cultural da comunidade quilombola de Lagoa do Gaudêncio.

e trabalhar na roça” (informação verbal, 2024). Essa carga de trabalho, no entanto, não era apenas uma responsabilidade familiar, mas uma imposição de um sistema que naturaliza a exploração de crianças e mulheres negras, mantendo-as em papéis de subordinação. A análise de Angela Davis complementa esse cenário, destacando como mulheres negras foram historicamente representadas como “trabalhadoras incansáveis”. Esse estereótipo, como a filósofa argumenta, serve para mascarar as violências físicas e emocionais a que essas mulheres estão submetidas, perpetuando a invisibilização de suas lutas e resistências.

O não direito à educação foi uma das violências sofridas por Lídia Maria da Conceição. Ela relatou que foi proibida de frequentar a escola para não aprender a “[...] fazer bilhete para mandar pro rapaz na escola” (informação verbal, 2024). Em sua experiência, a justificativa do impedimento de estudar estava pautada no controle de sua sexualidade. Essa lógica evidencia a interseção entre racismo e machismo, que impede a mulher negra de acessar a escolarização sob o pretexto de proteger sua moralidade, quando, na verdade, a intenção era reforçar sua dependência e submissão.

Lídia Conceição relatou que sua única experiência escolar ocorreu na Lagoa do Gaudêncio, onde o professor era Lincindo José Alves. Sobre essa vivência, afirmou: “Eu fui pra escola ainda no ABC. O professor era Lincindo de Osório. Ficava de castigo e tinha palmatória. A escola era em Lagoa do Gaudêncio” (informação verbal, 2024). Quando se mudou para o Lagedo de Eurípedes, ela não teve mais acesso à escola, um direito que lhe foi negado. Apesar disso, com muito orgulho, contou que aprendeu a escrever seu próprio nome com a ajuda de seus filhos e filhas em casa: “Minha letra é muito boa” (informação verbal, 2024). O não direito à educação formal para mulheres negras está intrinsecamente ligado à manutenção de papéis de subordinação em sociedades marcadas por hierarquias raciais e de gênero. A exclusão escolar e educacional é uma estratégia estrutural que restringe as oportunidades de autonomia e ascensão social, mantendo essas mulheres confinadas a trabalhos exploratórios.

Sem acesso à educação formal, Lídia Maria da Conceição assumiu responsabilidades desde cedo, transitando da infância para a vida adulta. Foi em Lagedo de Eurípedes que ela se casou aos 18 anos. Como ela mesma declarou: “Me criei aqui, fiquei moça aqui e me casei aqui” (informação verbal, 2024). De menina a mulher, tornou-se mãe de doze filhos, dos quais dois faleceram ainda na primeira infância. Além de trabalhar na roça, assumiu os papéis sociais de esposa, mãe e dona de casa, cuidando dos filhos,

mantendo a organização do lar e contribuindo para o sustento da família. Apesar de enfrentar condições de extrema dificuldade e escassez, ela nunca perdeu a “estranha mania de ter fé na vida”¹⁸.

Lídia Maria da Conceição abrigou várias sementes e deu continuidade à vida. Sua família a reconhece como a força que movimenta e dinamiza suas existências. Nas paredes da sala de sua casa, há composições de imagens que, de forma amorosa, reúne foto-pinturas e fotografias dela e de seu marido, dos antepassados, de suas filhas e filhos, netos e bisnetos. O amor que ela dedica à sua família traduz-se em cuidado, responsabilidade e afeto. Sua casa é um lar acolhedor, casa de avó. Mulher negra, símbolo de vida, força e resistência, representa a luta e o amor em ação – ela é o “Antes – o agora e o que há de vir” (Evaristo, 2021, p. 23).

Com o passar do tempo, Lídia Maria da Conceição, juntamente com seu marido, filhas e filhos, viveram na Lagoa do Gaudêncio e na Boa Esperança, até a fixação de residência definitiva em Lagedo de Eurípedes. Em todas essas comunidades rurais, ela trabalhou na roça com a família. Relembrou: “Viver em Lagedo de Eurípedes sempre foi difícil, as pessoas trabalhavam na roça. Plantava mamona, feijão, milho”. Ela lembrou que a água era buscada na cacimba de Chico Vermelho: “Na cacimba de Padim Chico, todo mundo daqui só ia pegar água lá. A água era tão ruim que amargava o arroz que botava no fogo. Era triste de salgada” (informação verbal, 2024). Ela e outras mulheres caminhavam até o Casal para buscar água na cacimba de Benjamin.

As dificuldades enfrentadas moldaram a vida de Lídia Conceição, mais conhecida como Dona Lídia, exerce papel central como benzedeira em Lagedo de Eurípedes, comunidade quilombola de Lapão, Bahia, certificada em 2011 pela Fundação Cultural Palmares. Guardiã das tradições, ela também atuou como parteira no passado. Como destaca Selma dos Santos Dealdina, em *Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas*, “[...] se conhece muito pouco da história das mulheres negras no Brasil” (Dealdina, 2021, p. 40). Registrar trajetórias como a de Lídia Maria da Conceição é essencial não apenas para valorizar sua memória, mas também para romper com o silêncio que ainda invisibiliza tantas mulheres negras quilombolas.

¹⁸ *Maria, Maria*. Intérprete: Milton Nascimento. Compositores: Fernando Brant e Milton Nascimento. In: Clube da Esquina 2. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1978.

Toda mulher negra é um quilombo – [...] A mulher quilombola tem um papel fundamental na transmissão e na preservação das tradições locais; na manipulação das ervas medicinais, no artesanato, na agricultura, na culinária e nas festas. São as mulheres quilombolas que desempenham um papel central, estabelecendo vínculos de solidariedade e transmitindo experiências (Dealdina, 2021, p. 37).

Assim como as mulheres quilombolas descritas por Selma dos Santos Dealdina, Lídia Conceição reflete a centralidade feminina na preservação da memória e da cultura em Lagedo de Eurípedes. Por meio de sua atuação como benzedeira, ela desempenha um papel essencial na manutenção das tradições religiosas afro-brasileiras. Suas rezas e benzimentos representam a continuidade de um legado de cuidado, solidariedade e espiritualidade.

Lídia Conceição expressa orgulho por sua atuação como benzedeira, entendendo a prática de benzer como um dom divino, um chamado diretamente concedido por Deus. Contudo, sua trajetória até se consolidar como benzedeira foi marcada por desafios pessoais e espirituais. Ela relembrou um período crucial de sua vida, por volta dos 25 anos, em 1971, quando enfrentou angústia mental e emocional. Durante certo tempo, perdeu a conexão com suas responsabilidades cotidianas, incluindo o cuidado com seus filhos, sua casa e seu trabalho. Em suas próprias palavras: “Eu andava doida, sabe o que é doida? Nem importava com meus fio, nem importava com ninguém, nem comia, nem dormia. E eu sofrendo sem saber de nada, vivia era louca” (informação verbal, 2024). Foi nesse momento de desatino, que pode ser compreendido como uma espécie de hierofania – uma manifestação do sagrado em meio à adversidade –, que surgiu a condição de benzer como um caminho de redenção, cura e propósito para a vida de Lídia Conceição.

Cantando: “Nossa Senhora da Guia foi quem chegou nessa mesa, foi quem chegou nesse altar. Nossa Senhora da Guia é quem vai me aguiá” (informação verbal, 2022), Lídia Conceição relembrou das visitas aos curadores Anjo, na Lagoa dos Patos; Napim e Darlindo, na Lagoa do Gaudêncio; e Lormino, em Lagoa do Boi¹⁹.

¹⁹ Na década de 1970, o território de Lapão ainda era um distrito de Irecê, e as comunidades rurais mencionadas por Lídia Conceição, como Lagoa dos Patos e Lagoa do Gaudêncio, já faziam parte da região que, anos mais tarde, seria consolidada como município lapoense em 1985. Já a Lagoa do Boi, local de residência do curador Lormino, pertence atualmente ao município de Salobro, na Bahia. Essas informações evidenciam a organização territorial e os vínculos culturais entre povoados do sertão baiano.

Ela relatou que, naquela época, sentia raiva de curadores e vivia em profunda ignorância sobre seu próprio dom. Preocupado com sua situação, seu tio a levou até a casa de Darlindo e chegou a cogitar levá-la para Cachoeira, no Recôncavo Baiano, em busca de ajuda. O desconhecimento e a negação de sua missão como benzedeira agravavam seu estado de saúde, levando-a a um ciclo de sofrimento.

Lídia Conceição expressou gratidão aos curadores Darlindo²⁰ e Lormino, reconhecendo-os como figuras fundamentais na sua cura e autocompreensão. Ela comentou que, “abaixo de Deus”, foram eles os responsáveis por ajudá-la a restituir a razão e aceitar seu dom de benzer. Declarou: “Eu vivia doida, doida. Com 25 anos. Isso que era a ignorância, eu não benzia. É dom, e a pessoa sem entender nada!” (informação verbal, 2024). Esse momento de sua vida guarda uma correspondência simbólica com uma cena descrita na obra *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior. No trecho, Bibiana narra a chegada de Crispina, completamente desorientada, levada pelo pai, Saturnino, até Zeca Chapéu Grande, curador de jarê.

[...] Zeca Chapéu Grande era diferente de nós, que não sabíamos lidar com eventos daquela natureza. Agia com grande afeição diante das dificuldades mais díspares que nos chegavam à porta. De imediato, ordenou que Saturnino desamarrasse a filha, o que ele fez sem questionar ou temer, como parecia minutos antes. Ajudou a moça a se levantar. Vi que dos lábios grossos e antigos de meu pai saíam as rezas que nos remetiam à segurança da magia que lhe creditavam. Ele pediu que minha mãe e Crispiniana a levassem para tomar um banho, enquanto Belonísia e Domingas se postaram ao meu lado. Seguiu para o quarto dos santos, estendeu uma esteira de palha, pôs um banco de assento de couro velho ao lado.

²⁰ Darlindo Antônio do Nascimento nasceu em 7 de junho de 1938, na comunidade negra rural de Lagoa do Gaudêncio. Fundador e líder religioso do Terreiro Estrela de Ouro, ele é considerado um importante fomentador da Umbanda, religião de matriz africana. Sua missão espiritual teve início aos 19 anos, após uma revelação no campo espiritual. Sobre ele, Joédson Gomes relatou: “Atualmente, está com 86 anos de vida e 67 anos de dedicação intensa ao exercício do seu sacerdócio. Mesmo com idade avançada, saúde debilitada e falando baixinho, Seu Darlindo nunca deixou de exercer sua atividade e diz que não tem previsão para parar.” A benzedeira Lídia Conceição reconhece Seu Darlindo como seu guia espiritual, e ele é amplamente conhecido como o curador Darlindo, atuando como mediador entre os mundos natural e sobrenatural. Todos os anos, no mês de setembro, a comunidade quilombola de Lagoa do Gaudêncio se reúne no terreiro para a realização do caruru, uma celebração rica em espiritualidade e tradição. O evento combina dança, música, rezas e uma atmosfera de profunda devoção, destacando o sincretismo entre São Cosme e Damião e os Ibejis no Candomblé. Fonte: portfólio criado pelo produtor cultural Joédson Gomes para os editais da Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar N° 195/2022) e da Política Nacional Aldir Blanc (PNAB, Lei N° 14.399/2022), apresentados, respectivamente, nos anos de 2023 e 2024, em processos seletivos no campo cultural da Prefeitura Municipal de Lapão-BA.

Acendeu uma vela e a atenção de todos que estavam por perto se voltou para o lume; se permanecesse acesa, Crispina, agora perturbada, poderia ficar; se a chama não resistisse à energia da atmosfera, se apagando, era porque não havia remédio (Vieira Junior, 2019, p. 34-35).

Tanto o relato de Lídia Conceição quanto a narrativa literária abordam momentos de perturbação psicológica e espiritual, evidenciando o papel restaurador das tradições de cura. Assim como Crispina reencontrou o equilíbrio por meio das práticas do curador Zeca Chapéu Grande, a benzeadeira encontrou nos curadores Darlindo e Lormino o suporte necessário para a sua recuperação e aceitação do dom de benzer. Esse paralelo entre a realidade e a ficção literária ressalta a importância das práticas espirituais de cura em comunidades rurais negras. Enraizados em saberes ancestrais, esses rituais oferecem acolhimento emocional, espiritual e comunitário, fortalecendo homens e mulheres diante das adversidades do mundo.

Lídia Conceição relembrou: “Foi Seu Lormino que me colocou para trabalhar”. Ele disse: ‘A senhora não quer curar gente não?! [...] A senhora vai aleijar, vai ficar muda’. E eu respondi: ‘Não posso fazer assim não, tenho meus fio para zelar’ [...] Já sofri muito neste mundo, meu Deus do céu” (informação verbal, 2022). Crente em Deus, ela é devota de São Cosme e Damião, Nossa Senhora Aparecida e Areia Branca. Vive com fé e coragem, dedicando sua vida à cura e ao cuidado. Ela realiza benzimentos utilizando folhas verdes e oferece alívio contra quebranto, sol e sereno, mal olhado e espinhela caída. No quintal de sua casa, cultiva ervas fitoterápicas como arruda, mastruz, capim santo, capim nagô, alecrim, hortelã, sete-dor e maravilha. Sobre isso, afirmou: “Meus remédio tá tudo aqui no meu quintal. Não faço o mal pra ninguém, se você querer o bem, eu faço o bem. O mal eu não faço” (informação verbal, 2024).

Guiada pelos ensinamentos dos curadores Lormino e Darlindo, Lídia Conceição ergueu em sua casa um altar. Neste canto sagrado, há uma mesa coberta com toalha de renda branca, na qual dispõe quadros com imagens de Nossa Senhora, São Cosme e Damião, Santa Luzia, Jesus Cristo e os apóstolos. Estatuetas de Padre Cícero e dos gêmeos católicos destacam-se junto a uma cruz de madeira, crucifixos e velas acesas dispostas em um prato azul de esmalte. Detalhes singelos, como uma garrafa pet com beberagem, fósforos e pacotes de velas, completam o ambiente, traduzindo a simplicidade e vigor espiritual da ação de rezar e benzer. Inspirada por sua ancestralidade e guiada por sua fé, Lídia Conceição recita preces, oferece orientações e recomenda remédios naturais aos que buscam alívio para suas dores físicas e espirituais.

A espiritualidade de Lídia Conceição é construída a partir de princípios do Catolicismo, do Candomblé e da Umbanda. Sobre sua vivência religiosa, ela afirmou: “Eu sou católica. A gente ia pra Igreja Católica do Casal. Aí formou essa igreja aqui, graças a Deus. Sempre fui no terreiro de Darlindo” (informação verbal, 2024). Como parte de suas obrigações sagradas, ela realiza todo ano, no mês de setembro, o caruru, uma celebração dedicada a São Cosme e Damião, os orixás Ibejis. De acordo com Maria Aparecida de Barros, os santos gêmeos católicos, “[...] por virtudes de humildade, candura e modéstia, foram proclamados como protetores das crianças e das mulheres que estavam em trabalho de parto” (Barros, 2022, p. 67).

No dia 17 de setembro de 2024, participamos do caruru na casa da benzedeira Lídia Conceição. O evento reuniu amigos, vizinhos e parentes, muitos deles vindos da Lagoa do Gaudêncio. Em um momento de comunhão e alegria, homens, mulheres e crianças trocavam sorrisos e abraços, celebrando não apenas a festa, mas também os reencontros que ela proporcionava. Ao passar pela sala e adentrar a cozinha, sentia-se o aroma do feijão e das carnes cozidas, preparados em grandes panelas sobre o fogão à lenha. No quintal, um fogo no chão cozinhava macarrão e arroz. Duas vizinhas e amigas da anfitriã cortavam repolho, couve e coentro para a salada. O calor das chamas e o burburinho das conversas formavam uma cena viva e pulsante, marcada pela união e pelo respeito às tradições religiosas da comunidade quilombola de Lagedo de Eurípedes.

Num dos cantos da sala da casa, foram dispostos os atabaques. Um pouco depois do meio-dia, Lídia Conceição e suas filhas entregaram uma vela a cada criança presente. Reuniram-nas todas e caminharam cerca de quatro ou cinco casas dali. Na varanda de uma das vizinhas, acenderam as velas, e as meninas e os meninos, sob o sol do sertão, seguiram juntos de volta ao ponto de partida. Em procissão, com cântico entoado pela benzedeira, e algumas velas acesas enquanto outras se apagavam pelo caminho, percorreram a rua e adentraram novamente a casa. No centro da sala, sobre um tapete vermelho, as crianças entregaram as velas, que foram dispostas em um prato de vidro, colocado diante do quadro com a imagem de São Cosme e Damião. Ainda sem o som dos atabaques, cada criança foi servida fartamente com um prato de comida composto de feijão, arroz, macarrão, farofa, maionese de beterraba e cenoura, salada de repolho e couve, carne de bode e galinha.

Enquanto as crianças comiam usando as mãos, Lídia Conceição movimentava-se ao redor delas. Ao som dos atabaques, mostrava-se agradecida e feliz. Todos os presentes acompanhavam com palmas e cânticos, enquanto meninas e meninos comiam satisfeitos, lambendo os dedos. A benzedeira direcionava o movimento de outras mulheres,

que se ritmavam em voltas ao redor das crianças. Em uma cadência que unia dança e espiritualidade, cumpriram juntas um ritual marcado pela alegria e conexão com o sagrado. Ao final da refeição, as crianças tiveram suas mãos lavadas e enxugadas, e cada uma recebeu um saquinho contendo doces, o que as deixou bem felizes.

O ritmo dos atabaques se intensificou. Mulheres, adolescentes e crianças, com suas saias rodadas, tomaram a sala da casa da benzedeira Lídia Conceição e dançaram ao som vibrante das batidas dos tambores. Algumas mulheres, em estado de incorporação, giravam em maior intensidade. Nas tradições religiosas afro-brasileiras, os atabaques são instrumentos sagrados, responsáveis por estabelecer a conexão entre o terreno e o divino. As danças e as saias rodadas, com seus movimentos amplos e harmoniosos, não são apenas expressões estéticas, mas também elementos simbólicos, em que corpo e espiritualidade se fundem em um ritual de fé e ancestralidade.

Quando eu faço o cariru, assim, ninguém quer vim, dizem que tem espírito, que vai cair. Eu digo: Oh gente, o que é seu é seu, ninguém toma, não é verdade? Não tem ninguém que tome o que você tem. O meu mesmo, minhas filhas me ajudam, mas elas não têm o que eu tenho. E não sei, meu fio, o que a pessoa tem foi um dote que Deus dá, não foi ninguém, nem pai, nem mãe, nem ninguém. Desde pequenininha, que eu nunca fui grande, que chegava dois meninos e me desembrulhava (Lídia Conceição, informação verbal, Lagedo de Eurípedes, junho de 2022).

O caruru de Dona Lídia, como é conhecido em Lagedo de Eurípedes e em outras comunidades quilombolas, como Lagoa do Gaudêncio, foi marcado pela fartura e pelo espírito de comunhão. Os pratos, repletos de comida, foram servidos a todos, acompanhados de refrigerantes e cervejas bem geladas. Depois que a refeição foi servida e os atabaques se silenciaram, as mulheres se reuniram no quarto menor, onde estava o altar com imagens sacras e as velas acesas entregues às crianças para o ritual da mesada. Ali, iniciaram o momento das rezas e ladainhas, reafirmando a fé e o papel da benzedeira como liderança espiritual na comunidade quilombola.

Essa mesma fé e dedicação ao cuidado coletivo foram essenciais em outro aspecto de sua trajetória: sua atuação como parteira. Lídia Conceição recordou que começou a partejar aos 35 anos, por volta de 1981, sempre guiada por suas rezas e pela confiança nos saberes ancestrais. Disse ela: “Antigamente as muiés pariam a troco de Deus e reza”. A benzedeira contou que o primeiro parto que realizou foi o de sua sobrinha, ajudando o filho

dela a nascer. Relatou: “E aí os povo foi dando fé, e eu peguei menino pra tudo que é canto: na Boa Esperança, Macambira, no Casal e aqui no Lagedo. E eu sei que minha fama foi longe. E graças a Deus, nunca morreu um em minha mão, nunca morreu mulher em minha mão”. Além disso, Lídia Conceição também recebeu instruções formais para exercer a função de parteira e relatou com orgulho: “Eu fiz curso de pegar menino, eu fiz curso de fazer curativo”. No entanto, em sua prática como parteira, sempre enfatizou a importância das rezas para o bom andamento dos partos. Sobre isso, declarou: “[...] Quando eu chegava lá e a muié sentindo dor, pegava na barriga, rezava, e as dor vinha no instantin. Parece que era Deus e Nossa Senhora” (informação verbal, 2024).

Durante os partos que realizava, a benzedeira relatou sentir sempre a presença de uma entidade espiritual que ela nomeou como Conga Veia, descrita como uma mulher vestida de avental e com um cachimbo na mão. Sobre essa experiência, afirmou: “Parece que eu tinha uma veia que me ajudava na hora dos partos. Eu sempre rezava, sempre pedia a Deus, sempre pedia a Nossa Senhora pra me ajudar a fazer aquele parto. Sempre tinha aquela fé e tenho até hoje” (informação verbal, 2024). Para Lídia Conceição, a Conga Veia²¹ era uma manifestação sagrada que lhe transmitia segurança e orientação, auxiliando-a em gestos e ações específicos, como acender velas aos pés das parturientes. Essa presença espiritual reafirmava a integração entre o cuidado prático e a dimensão sagrada do nascimento, onde fé e espiritualidade se fundiam em sua prática como parteira.

Essa mulher que eu via era Conga Veia, ela tem um avental e um cachimbo na mão. Eu andei na casa de Napinho, na casa de Dermi e não vi, eu disse: eu quero ver essa muié. Fui na casa de Darlindo e disse: “Abre teu centro aí! Ô Darlindo, quem é aquela mulher com um cachimbo e um avental?” Ele disse: “É a Conga Veia,

²¹ Sobre Conga Veia, mencionada pela benzedeira Lídia Conceição, há uma possível conexão com a figura espiritual conhecida como Preta Velha Maria Conga, ligada às tradições afro-brasileiras. Essa entidade é descrita como uma mulher negra sábia, amorosa e curadora, simbolizando força ancestral, maternidade e resistência. Pretas Velhas, como Maria Conga, destacam-se por sua paciência e sabedoria, sendo reverenciadas pela capacidade de aliviar dores físicas e espirituais. RAÍZES ESPIRITUAIS. Maria Conga – Amado espírito da falange dos Pretos Velhos. Disponível em: <https://www.raizesespirituais.com.br/maria-conga/>. Acesso em: 24 out. 24. Maria Conga, como ficou conhecida no Brasil, nasceu em 1792 no Congo, na África. Escravizada e trazida ao Brasil em um navio negreiro em 1804, recebeu o nome de batismo Maria da Conceição. Alforriada em 1854, estabeleceu um quilombo em Magé, Rio de Janeiro, onde acolheu homens e mulheres que fugiam do regime escravocrata. No quilombo, ela cuidou de doentes e atuou como parteira. Faleceu aos 90 anos. RioOnWatch. Coroação de Maria Conga, em Magé: Ato de repúdio à pichação que marcou a estátua da líder quilombola às beiras da Baía de Guanabara [Internet]. 2023. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=66033>. Acesso em: 24 out. 2024.

parteira. Era a que eu via, era uma mulher negra com avental e um cachimbo. Sempre aparecia na hora dos partos. E falava assim: “Acende uma vela”, e eu acendia uma vela nos pés da mulher que eu tava cuidando. E sempre andava com Deus e Nossa Senhora em minha frente (Lídia Conceição, informação verbal, Lagedo de Eurípedes, outubro de 2024).

Além de sua atuação como benzedeira e, no passado, parteira, Lídia Maria da Conceição atua em Lagedo de Eurípedes como mantenedora de festas e atividades culturais. Entre os eventos que organiza estão as celebrações juninas com brincadeiras como pau-de-sebo, quebra-pote, a dança de trança-fitas, o casamento na roça e a festa dos caretas, realizada no sábado de aleluia durante a Semana Santa. De acordo com o produtor cultural e figurinista Joédson Gomes, Dona Lídia desempenha um papel essencial como incentivadora das práticas socioculturais e de lazer na comunidade quilombola²². Sobre sua atuação, ela declarou: “Eu agradeço a Deus que tenho minha inteligência, minha sabedoria. Isso que eu faço não é por influência, não é por vaidade não, coisa de Deus!” (informação verbal, 2024).

Ao descrever a dinâmica da festa dos caretas, Lídia Conceição explicou que a tradição envolve principalmente meninos e rapazes da comunidade. Sobre o propósito da brincadeira, afirmou: “Eu faço pra livrar de coisa ruim, de envolver com coisa ruim”. Durante a celebração, todos os participantes – conhecidos como caretas – se disfarçam de maneira que não podem ser reconhecidos. Para isso, utilizam máscaras confeccionadas com papelão e outros materiais, passam carvão misturado com sebo no rosto e se vestem com roupas associadas tanto ao gênero masculino quanto ao feminino, criando disfarces marcados pela criatividade e irreverência. “Ninguém conhece ninguém. Não reconhece. Disfarça bem, bota um negócio na cabeça e as caretas com chifirão feio, bigodão e uns oião. Ninguém conhece não”, destacou (informação verbal, 2024).

Mais do que uma celebração, a festa das caretas exemplifica a resistência cultural e o esforço de preservação das tradições afro-brasileiras lideradas por Lídia Maria da Conceição. Enquanto mulher negra, quilombola, benzedeira, parteira e guardiã da cultura local, ela simboliza a luta por justiça social e a valorização das heranças culturais e espirituais da comunidade quilombola de Lagedo de Eurípedes. Sua trajetória reflete o entendimento de que proteger a cultura do povo negro sertanejo é um ato de resistência e enfrentamento

²² Joédson Gomes de Jesus. Portfólio cultural sobre Dona Lídia, construído para os editais da Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar Nº 195/2022) e da Política Nacional Aldir Blanc (PNAB, Lei Nº 14.399/2022), apresentados, respectivamente, nos anos de 2023 e 2024, em processos seletivos no campo cultural da Prefeitura Municipal de Lapão-BA.

a mecanismos de opressão e desumanização. Como ela mesma afirma: “Eu mereço ser feliz! Eu mereço. Eu tenho orgulho comigo” (informação verbal, 2022).

Eu-mulher
Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo
Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.²³

²³ EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2021, p. 23.

















FOTOGRAFIAS E LEGENDAS



FOTO 1 - *Lurdinha Santos e o cavaquinho*. Lagedo de Pau D'Arco, Lapão-BA.



FOTO 2 - *Lurdinha Santos*. Lagedo de Pau D'Arco, Lapão-BA.



FOTO 3 - *Lurdinha Santos e Juvenal Santos, reiseiros*. Lagedo de Pau D'Arco, Lapão-BA.



FOTO 4 – *Lurdinha Santos e seu espaço sagrado*. Lagedo de Pau D'Arco, Lapão-BA.



FOTO 5 – *Mesa de Lurdinha Santos*.
Lagedo de Pau D'Arco, Lapão-BA.



FOTO 6 – *Benzedeira Lurdinha Santos*.
Lagedo de Pau D'Arco, Lapão-BA.



FOTO 7 - *Lurdinha Santos*. Lagedo de
Pau D'Arco, Lapão-BA.



FOTO 8 - *Dona Lurdinha*. Lagedo dos
Pimentas, Lapão-BA.



FOTO 9 – *Benedeira Dira Santana*.
Lagedo de Pau D'Arco, Lapão-BA.



FOTO 10 - *Dira Santana*. Lagedo de Pau
D'Arco, Lapão-BA.



FOTO 11 – *Nossa Senhora Aparecida*.
Lagedo de Pau D'Arco, Lapão-BA.



FOTO 12 - *Dira Santana e a santa mãe*.
Lagedo de Pau D'Arco, Lapão-BA.



FOTO 13 - Fé. Lagedo de Pau D'Arco, Lapão-BA.



FOTO 14 – O altar de *Dira Santana*. Lagedo de Pau D'Arco, Lapão-BA.



FOTO 15 – *Benzer, fazer o bem*. Lagedo de Pau D'Arco, Lapão-BA.



FOTO 16 - *Dira Santana e Antônio de Souza*. Lagedo de Pau D'Arco, Lapão-BA.



FOTO 17 – *Benzedeira Lídia Conceição*.
Lagedo de Eurípedes, Lapão-BA.



FOTO 18 – *Lídia Conceição e Deusdete Nazaré*. Lagedo de Eurípedes, Lapão-BA.



FOTO 19 – *Lídia Conceição*. Lagedo de Eurípedes, Lapão-BA.

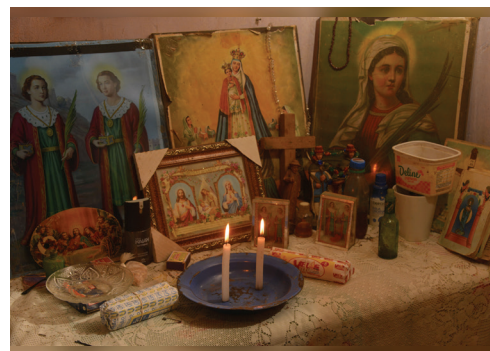


FOTO 20 – *O altar de Lídia Conceição*.
Lagedo de Eurípedes, Lapão-BA.



FOTO 21 – *Velas e ramos*. Lagedo de Eurípedes, Lapão-BA.



FOTO 22 – *São Cosme e Damião*. Lagedo de Eurípedes, Lapão-BA.



FOTO 23 – *Benzimento*. Lagedo de Eurípedes, Lapão-BA.



FOTO 24 – *Lídia Conceição e a barriguda*. Lagedo dos Pimentas, Lapão-BA.



FOTO 25 – *Mãos e ramos*. Lagedo dos Pimentas, Lapão-BA.



FOTO 26 – *As benzedeadas e a barriguda*. Lagedo dos Pimentas, Lapão-BA.



FOTO 27 – *Dira, Lurdinha e Lídia - benzedeadas*. Lagedo dos Pimentas, Lapão-BA.



ANEXO I: PLANO DE AULA

CECAN
COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO DE AGUADA NOVA
Código SEC: 1178257 – INEP: 29536200



Série: 2º ano do Ensino Médio

Disciplina: Biologia

Duração: 2 aulas de 50 minutos

Tema: Biologia Vegetal e Etnobotânica – A Utilização de Ervas e Plantas nas Culturas Indígenas, Africanas e Afro-brasileira

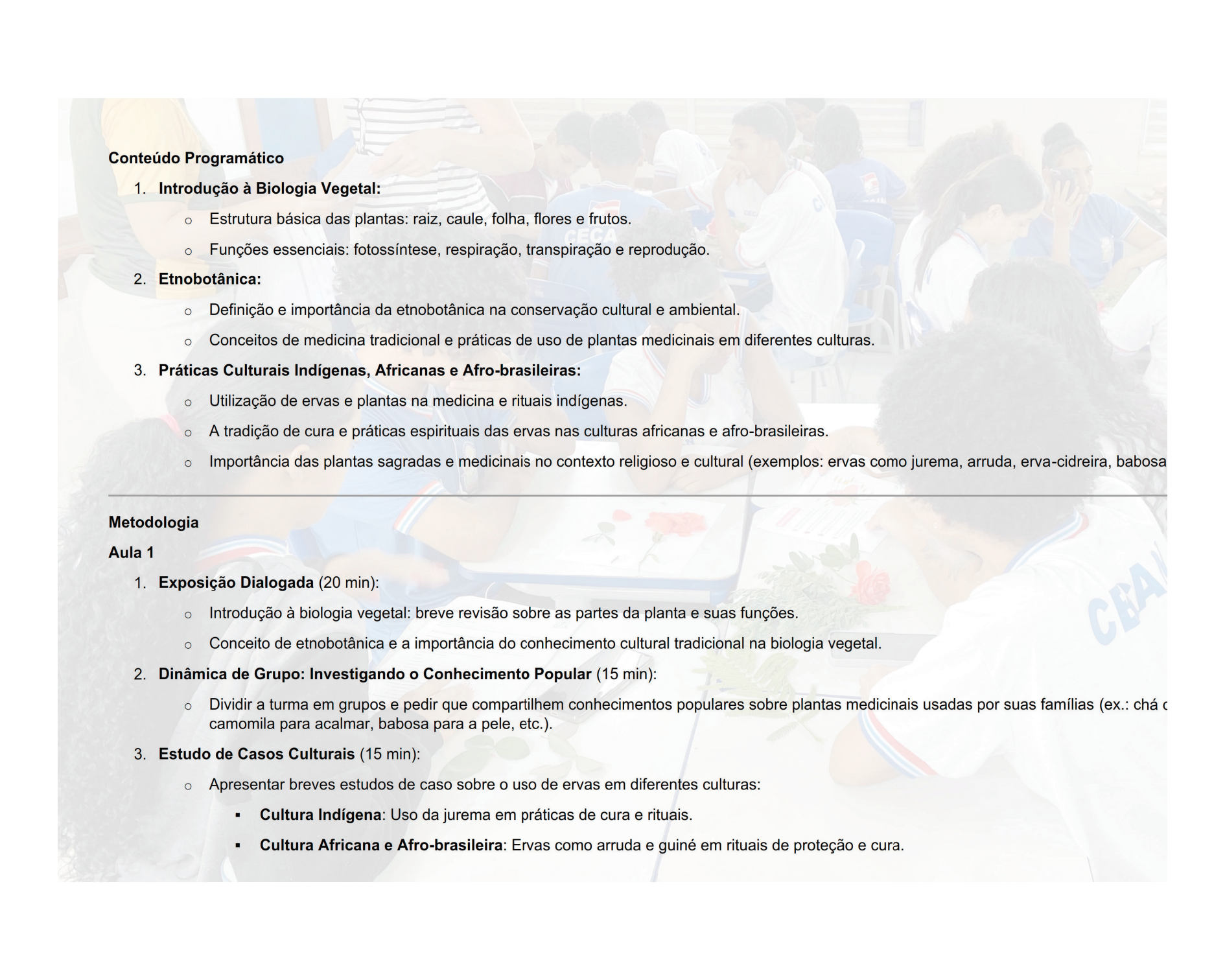
Biologia Vegetal e Etnobotânica no Contexto das Culturas Indígenas, Africanas e Afrobrasileiras

Objetivos Gerais

- Compreender a importância da biologia vegetal e da etnobotânica na conservação da biodiversidade e das culturas tradicionais.
- Conhecer a relação entre plantas e sociedades tradicionais, explorando os usos e significados culturais de ervas e plantas em culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras.

Objetivos Específicos

- Identificar as principais características das plantas estudadas pela biologia vegetal.
 - Entender o papel da etnobotânica e sua contribuição para a preservação do conhecimento cultural.
 - Reconhecer as práticas culturais ligadas ao uso de ervas e plantas por comunidades indígenas, africanas e afro-brasileiras, e sua relevância social e medicinal.
 - Incentivar o respeito e valorização do conhecimento tradicional e das práticas sustentáveis.
-



Conteúdo Programático

1. Introdução à Biologia Vegetal:

- Estrutura básica das plantas: raiz, caule, folha, flores e frutos.
- Funções essenciais: fotossíntese, respiração, transpiração e reprodução.

2. Etnobotânica:

- Definição e importância da etnobotânica na conservação cultural e ambiental.
- Conceitos de medicina tradicional e práticas de uso de plantas medicinais em diferentes culturas.

3. Práticas Culturais Indígenas, Africanas e Afro-brasileiras:

- Utilização de ervas e plantas na medicina e rituais indígenas.
- A tradição de cura e práticas espirituais das ervas nas culturas africanas e afro-brasileiras.
- Importância das plantas sagradas e medicinais no contexto religioso e cultural (exemplos: ervas como jurema, arruda, erva-cidreira, babosa)

Metodologia

Aula 1

1. Exposição Dialogada (20 min):

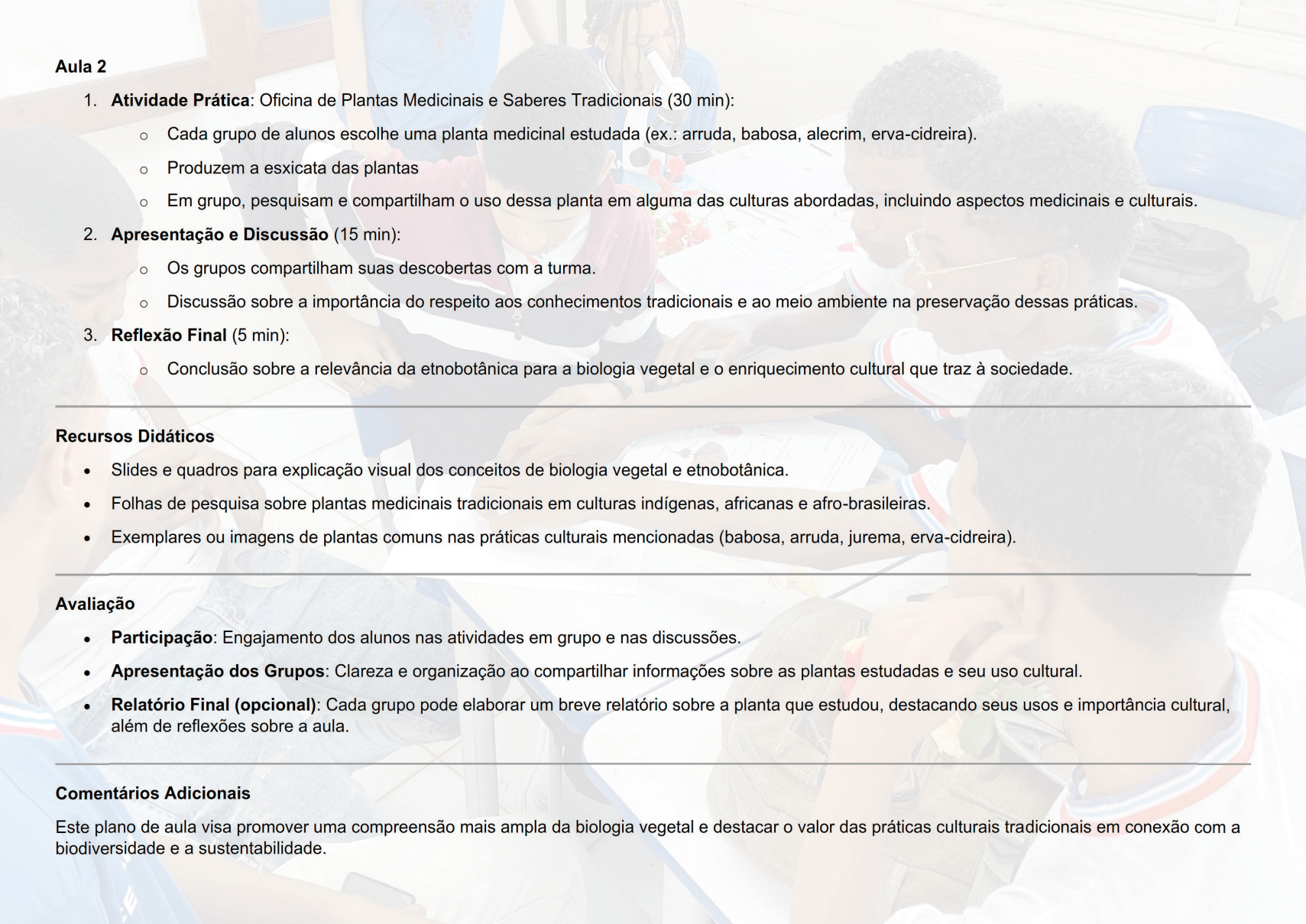
- Introdução à biologia vegetal: breve revisão sobre as partes da planta e suas funções.
- Conceito de etnobotânica e a importância do conhecimento cultural tradicional na biologia vegetal.

2. Dinâmica de Grupo: Investigando o Conhecimento Popular (15 min):

- Dividir a turma em grupos e pedir que compartilhem conhecimentos populares sobre plantas medicinais usadas por suas famílias (ex.: chá de camomila para acalmar, babosa para a pele, etc.).

3. Estudo de Casos Culturais (15 min):

- Apresentar breves estudos de caso sobre o uso de ervas em diferentes culturas:
 - **Cultura Indígena:** Uso da jurema em práticas de cura e rituais.
 - **Cultura Africana e Afro-brasileira:** Ervas como arruda e guiné em rituais de proteção e cura.



Aula 2

1. **Atividade Prática:** Oficina de Plantas Medicinais e Saberes Tradicionais (30 min):

- Cada grupo de alunos escolhe uma planta medicinal estudada (ex.: arruda, babosa, alecrim, erva-cidreira).
- Produzem a essecata das plantas
- Em grupo, pesquisam e compartilham o uso dessa planta em alguma das culturas abordadas, incluindo aspectos medicinais e culturais.

2. **Apresentação e Discussão** (15 min):

- Os grupos compartilham suas descobertas com a turma.
- Discussão sobre a importância do respeito aos conhecimentos tradicionais e ao meio ambiente na preservação dessas práticas.

3. **Reflexão Final** (5 min):

- Conclusão sobre a relevância da etnobotânica para a biologia vegetal e o enriquecimento cultural que traz à sociedade.

Recursos Didáticos

- Slides e quadros para explicação visual dos conceitos de biologia vegetal e etnobotânica.
- Folhas de pesquisa sobre plantas medicinais tradicionais em culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras.
- Exemplares ou imagens de plantas comuns nas práticas culturais mencionadas (babosa, arruda, jurema, erva-cidreira).

Avaliação

- **Participação:** Engajamento dos alunos nas atividades em grupo e nas discussões.
- **Apresentação dos Grupos:** Clareza e organização ao compartilhar informações sobre as plantas estudadas e seu uso cultural.
- **Relatório Final (opcional):** Cada grupo pode elaborar um breve relatório sobre a planta que estudou, destacando seus usos e importância cultural, além de reflexões sobre a aula.

Comentários Adicionais

Este plano de aula visa promover uma compreensão mais ampla da biologia vegetal e destacar o valor das práticas culturais tradicionais em conexão com a biodiversidade e a sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro: Editora Jandaíra, 2020.
- BARROS, Maria Aparecida. *A benzedeira: experiências com o sagrado*. Curitiba: Appris, 2022.
- BASTOS, Nayara Gomes; ANDRADE, Wbaneide; SANTOS, Carlos Alberto Batista; NOGUEIRA, Eliane de Souza. Etnobotânica do benzimento em território baiano: revisão integrativa. *PEER REVIEW*, vol. 5, Nº 18, 2023, DOI: 10.53660/880.prw2508 ISSN: 1541-1389, p-345-365.
- BORGES, Luiza; NASCIMENTO, Washington; SANTANA, Marise de (orgs.). *Narrativas Ancestrais: histórias e trajetórias de mulheres negras na Bahia*. Rio de Janeiro, RJ: Autobiografia, 2022.
- CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. Prefácio Conceição Evaristo. Apresentação Djamila Ribeiro. São Paulo: Editora Jandaíra, 2010.
- CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016. Tradução de Heci Regina Candiani.
- DEALDINA, Selmaa dos Santos (org). *Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas*. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2021.
- DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. DEL PRIORE, Mary (org.). *In: História das Mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2022, p. 78-114.
- DOURADO, Manoel Augusto Miranda. *Cultura escolar e cultura popular: perspectivas de inovação pedagógica*. Irecê, Bahia: Gráfica Karneiro, 2017.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Tradução de Rogério Fernandes.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. 2. ed. São Paulo: Global, 2007. Apresentação de Lília Moritz Schwarcz.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. 24. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens – Uma breve história da humanidade*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2018. Tradução de Janaína Marcoantonio.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL; UFPE – UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Pesquisa dos saberes e práticas das parteiras tradicionais do Brasil com vistas à instrução do processo de registro como patrimônio cultural imaterial do Brasil. *Dossiê Parteiras Tradicionais do Brasil*. Recife, outubro de 2021.

LIMA, Itamar da Silva. *Benzedeiros – fé e cura no sertão: relações entre ciência, espiritualidade e saúde*. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 3. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, J. Ítalo dos S. " PEGA A DENTE DE CACHORRO & quot; MULHERES INDÍGENAS NO CEARÁ COLONIAL, INÍCIO DO SÉCULO XVIII. *Revista Em Favor de Igualdade Racial*, [S. l.], v. 6, n. 2, 2023, p. 120–130. DOI: 10.29327/269579.6.2-10. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/6661>. Acesso em: 20 ago. 2024.

NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância religiosa*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é benzeção*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PEREIRA, Edimilson de Andrade; GOMES, Núbia Pereira Magalhães. *Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra*. 3. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- PIMENTA, Tânia Salgado; MOTA, André. *Artes de curar e práticas de saúde: circularidades, institucionalidades e repressão*. São Paulo: Hucitec, 2022.
- REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas – “O diabo na rua, no meio do redemoinho”*. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SANTANA, João Rodrigo Araújo. *Quilombos na Bahia, lutas e resistência*. IFBA, Diretoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis-DPAE: Salvador: EDIFBA, 2023 (Coleção Pedagógica do Programa Asé-Toré Formação em Educação sobre Negras(os) e Povos Indígenas, v. 10).
- SANTOS, Jackson Rubem Alves. *Lapão, Cem Anos de História*. Irecê, Bahia: Editora Print Fox, 2010.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.
- VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Salvar o fogo*. 2.ed. São Paulo: Todavia, 2023.



Luciana Vilela Dourado Matos é mãe de Laura Dourado e professora da Educação Básica do Estado da Bahia. Possui licenciatura em História pela UNEB e atua no Colégio Estadual do Campo de Aguada Nova desde 2019. É especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade de Educação/UFMA e mestra em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFMA. Atualmente, é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras da UNEB, Campus XVI, Irecê. Seu e-mail de contato é

luciana.matos6@enova.educacao.ba.gov.br.



Igor Rebouças Santana é professor de Educação Básica do Estado da Bahia, licenciado em Ciências com habilitação em Biologia pela UNEB, com registro no CRBio 67.139/05-D. Possui especialização em Ensino de Química pela Ucam e em Ensino de Ciências para os Anos Finais do Ensino Fundamental pelo Ifba. Atua no Colégio Estadual do Campo de Aguada Nova desde 2019. Seu e-mail de contato é

igor.santana@enova.educacao.ba.gov.br.



João Machado, natural de Xique-Xique, Bahia, migrou para São Paulo em 1990, onde trabalhou na construção civil e comprou sua primeira câmera. Autodidata, tornou-se um fotógrafo talentoso. Em 1997, fez seu primeiro ensaio, Olaria, em Guarulhos-SP. Em 2002, inspirado pelas memórias e histórias de seu pai, foi a Bom Jesus da Lapa para fotografar romeiros e atos de fé. Seu trabalho foi exposto na Galeria Nikon em 2015, e em 2018 realizou a exposição O sertão de João Machado, na Caixa Cultural em Salvador e Rio de Janeiro. Em 2023, a Fundação Pierre Verger apresentou a exposição e livro Herança do Pai.

@joaomachadoart.



GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE PROMOÇÃO DA
IGUALDADE RACIAL E DOS POVOS
E COMUNIDADES TRADICIONAIS



ISBN: 978-85-8151-304-1



9 788581 513041